



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

TAINÁ ANDRADE VIEIRA

Abertura silenciosa
Série de perfis sobre escritores LGBT no DF

Memorial de Projeto de Pesquisa

Brasília
2016

TAINÁ ANDRADE VIEIRA

Abertura silenciosa
Série de perfis sobre escritores LGBT no DF

Memorial descritivo do produto, Abertura Silenciosa, apresentado à Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Márcia Marques

Banca Examinadora

Orientadora
Prof^ª. Márcia Marques (FAC/UnB)

Examinadora
Liziane Guazina (FAC/UnB)

Examinadora
Elen Geraldtes (FAC/UnB)

Suplente
Patrícia Cunegundes (FAC/UnB)

Brasília
2016

Agradecimentos

Em minha vivência, fui ensinada a ser grata a quem me faz bem, mas, também, a quem é responsável pelas minhas provações no planeta Terra. Por isso, começarei agradecendo ao ladrão, Uelton Neves. Ele me abordou, à mão armada, no dia 27 de outubro de 2015, em baixo da minha casa. Se você não tivesse me escolhido como alvo naquele dia, levado o meu carro, carteira e celular, com grande parte das entrevistas feitas para esse trabalho, provavelmente eu não estaria entregando um projeto tão amadurecido e completo. A sua atitude acionou o gatilho para a resolução de questões internas minhas e para me dar mais motivação. A você, obrigada.

Dito isso, passo a atenção aos que ficaram do meu lado nos momentos mais difíceis. Às pessoas que foram designadas para me amar e proteger incondicionalmente. Mãe, pai, muito obrigada. Sei que dou trabalho, mas parte disso é culpa de vocês. A educação racional, responsável, crítica, livre, permeada de valores e princípios, faz com que eu não me acomode diante da vida. Vocês são responsáveis, da mesma forma, pela irmã guerreira que tenho. Não à toa, ela está batalhando por uma vaga na carreira de Direito. Estou certa de que será uma profissional competente e honesta. Exemplo herdado de berço. Agradeço a ela o empréstimo do seu ouvido – mesmo quando não queria – e pelo canto na sua cama.

Abro aqui um parágrafo para falar do paradoxo da minha vida. Yuri Maia, você foi parte nisso. Obrigada pelos conselhos à distância, pelas dicas de planejamento, pela calma transmitida quando tudo parecia um caos. Sem ti não teria aprendido a dizer não no momento certo. Não iria atrás da minha paz, da minha (re)construção e segurança tão necessárias para finalizar essa produção. Você tem me ensinado muito.

À minha família que, lá de Manaus, torce pelo meu sucesso e felicidade. Aos amigos distantes fisicamente, mas tão presentes sempre. Aos amigos companheiros de boas e más horas – Ian, Lucas Braz, Lucas Rodrigues, Laís, Marina, Letícia, Karla, Emenny, Marcela, Ana Paula, Matheus, Vítor, Igor, Tércio, Taty, Mayla, Jéssica, Bia e Leiriane. Presenças confirmadas na mesa do bar ou na pista de dança, ouvintes fiéis dos meus “causos” e bastidores das reportagens malucas que invento. Aos que estiveram junto a mim nos momentos difíceis, ansiosos e angustiantes – Nayara, Lucinha, Elisa, Clara, Bia, Gustavo, Isadora, Rudá e Genny. Aos meus consultores, jornalistas de plantão na minha vida. A Bárbara Cruz, amiga que reencontrei na reta final do curso para me acompanhar na biblioteca, me dar forças e me trazer *Red Bull* para aguentar horas de concentração. A Márcia Marques, orientadora sempre

presente, que me guiou como uma bússola na construção desse projeto. Ao querido ex-orientador, Fábio Pereira, que me ajudou a estruturar a série *Abertura Silenciosa*. Foi um prazer trabalhar e aprender com vocês. Obrigada!

Aos meus perfilados, Gustavo, Ítalo e Tatiana que toparam abrir suas vidas para mim. Às fontes fundamentais para a contextualização desse trabalho, Roberto, Felipe, Giselle, Ricardo e Alexandre que tiveram a paciência de repetir as informações que outrora já tinham me passado. Aos talentosos Vinícius Souza e Eduardo carvalho, ilustrador e diagramador, respectivamente, que fizeram o projeto ficar do jeito que eu sonhei. Obrigada também.

A intenção era que essa página fosse preenchida até a metade, mas estaria cometendo uma injúria se não citasse todos que estão ao meu lado e me apoiaram de alguma no encerramento desse ciclo. Para finalizar, não poderia fechar os agradecimentos sem a próxima menção. Ao condutor da minha vida: Deus, muito obrigada.

Todo indivíduo é único
 Isto é fato natural
 Portanto se apresenta
 De forma bem pessoal
 Pensar que os diferentes
 São indignos ou doentes
 É miopia social
 Essa miopia se encontra
 No fundo do coração
 Em forma de julgamento
 De destrato e agressão
 De maldade e desrespeito
 Da negação do direito
 De ser pleno o cidadão

“As diferenças conferem
 Nossa singularidade
 Atribuem a cada um
 Sua personalidade
 Célula do grande universo
 Que se apresenta diverso
 Na mesma realidade

É engano consagrar-se
 Um juiz inquisidor
 Que reduz o diferente
 A um desmerecedor
 De ser aceito e amado
 Ser digno ser respeitado
 Ter o devido valor
 Não importa a diferença
 Se de credo ou racial
 De idade ou de sexo
 Nem de classe social
 O valor de uma pessoa
 Tá em ser ruim ou ser boa
 De resto é tudo igual”

BORGES

Resumo

Abertura silenciosa é uma série de reportagens que retrata a vida de três escritores LGBT, moradores no Distrito Federal. Por meio de uma escrita humanizada, originada no gênero romance e fortalecida no jornalismo literário, o perfil, busca-se dar voz ao grupo LGBT artístico e intelectual, cuja preocupação está em abordar a complexa representação dos seus iguais e em deixar um legado registrado para as próximas gerações da comunidade. O produto é a descrição de partilhas, de inquietações, da marginalização e das vivências reais de seres que escolheram batalhar todos os dias para não serem silenciados. Pelo menos não no papel.

Palavras-chave: literatura, LGBT, reportagem, perfil, vivências, escritores, jornalismo literário.

Sumário

Agradecimentos

1. Invasão do gueto.....	2
2. Problema de pesquisa.....	6
3. Justificativa.....	8
4. Objetivo.....	10
5. Referencial Teórico.....	11
5.1 Na contra-mão do livro-reportagem.....	11
5.1.1 Onde publicar?.....	12
5.2 Colorindo o texto.....	15
5.2.1 Jornalismo literário.....	17
5.3 Personagem em foco.....	19
5.3.1 Apropriação de um método.....	23
5.4 Podemos conversar?.....	25
6. Metodologia.....	28
6.1 Pré-produção.....	28
6.1.1 Do tema.....	28
6.1.2 Dos personagens.....	30
6.1.3 Primeiro contato.....	32
6.2 Pós-produção.....	34
6.2.1 Formato.....	34
6.2.2 Entrevista.....	35
6.2.3 Montagem.....	37
6.2.4 Cronograma.....	38
7. Considerações finais.....	39
8. Anexos.....	42
9. Apêndices.....	44
10. Referenciais bibliográficas.....	48

1 Invasão do gueto

Sempre fui curiosa. Pergunto aos meus amigos e familiares – desde quando me entendo por gente – o porquê das coisas. Já deixei gente embaraçada ao fazer perguntas que não eram para serem feitas, mas também já fiz muitas perguntas pertinentes. No meio da minha jornada por respostas, tive a oportunidade, na Universidade de Brasília (UnB), de fazer a disciplina intitulada “Pensamento LGBT Brasileiro”, oferecida pelo Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM). Nela, o conhecimento transmitido causou a empatia por uma comunidade até então distante de mim.

A partir da naturalidade com que comecei a tratar o tema, várias questões passaram a me incomodar. A primeira delas foi a resistência que as pessoas têm em aceitar e respeitar o amor de pessoas do mesmo gênero. Não faz sentido tal pensamento, visto que estamos inseridos em uma sociedade multicultural, que traz em cada região um pensamento, um grupo, um comportamento.

De saída, a questão de uma identidade brasileira ou caráter nacional pode esbarrar no indisfarçável impulso naturalista que a inspira. (...) A proposta nacionalista, que funciona como um barril de pólvora não controlável, resulta de uma conceituação arbitrária, na medida em que elimina os indivíduos, as classes, os grupos marginalizados e suas diferenças, para unil-os debaixo de uma representação abstrata chamada “povo”, que é imposta, como uma fatalidade massificante, sobre cada cidadão. (TREVISAN, 1986, p.45)

Em *Devassos no Paraíso*, o autor João Silvério Trevisan – escritor, gay, militante e membro fundador do jornal *Lampião da Esquina*¹ – tenta “contrapor-se às reiteradas tentativas de se esconder a vivência homossexual sob o tapete da história brasileira”. O livro foi lançado em 1986, no Brasil. Nessa época, o país vivia a epidemia da aids e, conseqüentemente, arraigou-se a marginalização da sodomia. Criou-se um gueto. Trevisan bebeu da fonte de diversos documentos, livros, reportagens, revistas, artigos, entrevistas com representantes da comunidade e literatura “solta” para contar a história da homossexualidade de uma maneira séria, completa e sensível. Com isso, o autor chegou a conclusões que mostram como o comportamento repellido por muitos está, na verdade, entranhado na sociedade brasileira.

¹ De acordo com o Conselho Editorial, na edição nº 0 do jornal, em 1978, a resposta para a saída de um gueto é a criação de um jornal homossexual brasileiro. Portanto, “(...) LAMPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz.”

Afinal, estamos em um país onde o mais importante é o mais mascarado. A mania de “dar um jeitinho” reflete-se nas mais diversas circunstâncias da sinuosa vida erótica brasileira. Por exemplo, não existem leis anti-homossexuais no Brasil (...). Mas (...) os diversificados representantes da ordem humilham os homossexuais, mais constantemente do que se pensa, em lugares públicos e privados. Criam-se razões indiretas (...) o machismo, muitas vezes de mãos dadas com a hipocrisia. (...) não se pode levar a sério nem sequer os truculentos machos nacionais – que também participam do jogo de *esconder como forma de realçar*. É muito comum que eles persigam nos homossexuais confessos o secreto fantasma do seu próprio desejo, que os atormenta. (TREVISAN, 1986, p.56)

O livro divulgado nos anos 80 continua atual. Ao traçar um paralelo com a modernidade, é perceptível a perpetuação do preconceito embasado em argumentos culturais transmitidos de geração a geração. Mesmo que a ciência tenha ajudado a desmistificar os homossexuais e o grupo tenha conseguido se organizar e se fortalecer por meio de uma militância de combate e busca por direitos, os embates ainda são muitos. Um dos principais é o conservadorismo exacerbado, imposto por instituições religiosas ou por pessoas que chegam ao comando do bem-estar público. Para ilustrar a situação, pode-se lembrar da tramitação de projetos de lei, no Congresso Nacional, com o teor de proibir as discussões sobre gênero e outras formas de “ameaça à família” nas escolas. Um deles², inclusive, quer alterar o Fundo Nacional de Desenvolvimento à Educação (FNDE) para acabar com a discussão sobre o tema na educação básica. Em estados brasileiros, como o Piauí, já estão sendo aprovadas leis³ que coíbem esse tipo de ensino.

No *Facebook*, o posicionamento de marcas que abordam a diversidade é fortemente criticado. A cantora gospel Ana Paula Valadão pediu publicamente um boicote à loja C&A⁴ por causa de sua campanha para o dia dos namorados⁵. Entre os 414 mil comentários, houve divisão de opinião do público. Alguns apoiaram as palavras da artista, outros mandaram mensagens que demonstravam repúdio ao tipo de pensamento.

Em entrevista concedida ao *Jornal do Commercio*, na seção de *Cultura > Literatura*, em 2015, Trevisan afirma que é urgente a reflexão sobre o tema da homossexualidade.

² PL nº 2731/2015.

³ PL nº 20/2016.

⁴ <https://www.facebook.com/anapaulavaladaodtofcial/posts/1056824397735832:0>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=vevC0nutVIs>

Essa é uma questão importante a ser resolvida pelas novas gerações. Certamente vai ser mais difícil repetir atitudes discriminatórias depois que uma transexual de 26 anos desfila à luz do dia, na Parada LGBT de São Paulo, representando a crucifixão. Foi uma denúncia radical das arbitrariedades e humilhações que a comunidade sofre. Isso evidencia como as novas gerações não estão dispostas a esconder “o que não tem mais jeito de dissimular, e que nem é direito ninguém recusar”. (05 de julho de 2015)

O escritor sugere que uma re-edição de *Devassos no Paraíso* será pedagógica no sentido de instruir posicionamentos como os expostos acima, mostrando a hipocrisia contida neles. A ideia pode ser facilmente questionada, afinal, será efetiva?

Felipe Arede, 28 anos, é doutor em literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e milita pela construção de um acervo que resgate e salvasse a literatura LGBT. Em entrevista⁶⁶, ele dá uma possível resposta a essa pergunta. “LGBT assim como pessoas não LGBT leem muito pouco”, sentencia. E continua. “Se você perguntar pra qualquer pessoa nesse restaurante, a maior parte delas não deve ter lido nenhum livro no último ano e, se tiver lido, dificilmente será de um autor nacional. Provavelmente será 50 tons de cinza ou algum livro traduzido, *best seller*. Isso reflete. É uma comunidade minoritária [a LGBT], mas que reflete os padrões de consumo de leitura das outras comunidades”.

Diante da afirmativa, passei a outra indagação. Será que um espaço na mídia para o segmento não seria interessante para despertar interesse? Carlos Alberto Vicchiatti constata que “ao trazer para as páginas de jornais as emoções do cotidiano, o sofrimento dos personagens, suas histórias de vida, o jornalista procura atender a uma necessidade que acredita ser a da sociedade atual” (VICCHIATTI, 2005, p.87). Entendo que falta à sociedade um produto que valorize a vida, as causas e os efeitos desses personagens para que os agentes públicos e a sociedade civil reajam de maneira positiva.

(...) as enunciações tradicionais, com fórmulas fechadas e rígidas, não mais atenderiam às necessidades de uma sociedade em constante evolução. (...) Frise-se aqui: os leitores buscam uma abordagem mais profunda da notícia, uma avaliação de seus efeitos, um entendimento de suas causas, uma visão de como as pessoas de sua época sofrem a ação dos fatos. (VICCHIATTI, 2005, p.88)

A construção de *Abertura Silenciosa – série de perfis sobre escritores LGBT no DF* é uma tentativa, portanto, de dar visibilidade à literatura produzida pelas mãos de quem não se deixa silenciar. A divulgação nas mídias do caminho literário construído desde a ditadura militar, na

⁶⁶ Em entrevista realizada pela autora desse memorial, no dia 01 de junho de 2016.

contracultura brasileira, e a resistência que persiste até a atualidade são uma investida para canalizar os protestos e aproximar a comunidade LGBT de quem não a conhece como deveria. Além de, como fez o jornal *Lampião da Esquina*, em sua primeira edição, no ano de 1978, retirá-la do gueto e quebrar a falta de acesso à intimidade do grupo.

Envolvida na problematização, decidi retratar o tema em uma reportagem humanizada sobre os escritores que resistem à falta de interesse, ao preconceito e ao esquecimento do próprio público. Saí em busca de pessoas que se dedicassem à escrita LGBT no Distrito Federal, selecionei três delas e contei suas histórias. As três reportagens produzidas são descrições do modo de ser, da vida, dos costumes, das ideias e dos pormenores da escrita de Gustavo Carneiro, Ítalo Damasceno e Tatiana Nascimento. O texto que abre a reportagem juntou personalidades e estudiosos do Distrito Federal que estão envolvidos nesse meio para contextualizar o leitor no assunto.

As palavras de Leila Miccolis, em *Do poder ao poder*, embasaram a importância da leitura na imprensa alternativa. Afinal, esse tipo de produção é o mecanismo para fomentar a participação social mais consciente e romper com valores autoritários, pré-concebidos. A apresentação do produto *Abertura Silenciosa* assinala os escritos, dá um passo em direção à representação política e cultural do movimento LGBT, já que estou falando de personagens homossexuais, parte de um sistema no qual a luta para serem vistos e escutados é constante.

É então na dimensão da crítica comportamental, na denúncia dos mecanismos de poder presentes no cotidiano e na intimidade, que a contracultura se coloca como expressão fundamental de crítica à autoridade em seu sentido amplo: ao paradigma masculino, branco, ocidental, heterossexual. (KRUGER, 2010, p.144)

2 Problema de pesquisa

Em uma sociedade com multidiálogos, o hábito da leitura é cada vez menos interessante. O estudo “O hábito de lazer cultural do brasileiro”, realizado pela Federação do Comércio do Rio de Janeiro, afirma que 70% dos brasileiros não leram um livro em 2014 e que o percentual de leitores assíduos caiu de 35 para 30. A partir desses números, surge a seguinte inquietação: por que ainda produzir literatura, principalmente tão específica como a LGBT?

No último final de semana de abril, uma tia de Manaus veio visitar minha família em Brasília. Enquanto almoçávamos, meu pai, ela e eu iniciamos uma conversa informal sobre pessoas que assumem a homossexualidade depois de terem filhos. Ela questionou “como fica a cabeça de uma criança dessa?”, meu pai e eu respondemos “normal”. Ela se surpreendeu, arregalou os olhos, e disse “como?”. Meu pai disparou: “o problema está na cabeça da nossa geração para trás, das meninas [apontou para mim] para frente é tudo descomplicado”. Minha tia, ainda assustada, tentou contra-argumentar, mas as suas falas não tinham respaldo psicológico ou sociológico, eram reproduções do que escutou por toda a vida. Na mesma hora, imaginei como seria a cena em outras casas. Será que a repetição de discursos iguais ao da minha tia continuariam se a sociedade tivesse maior contato com a temática LGBT?

Não se pode negar que existe um estereótipo do homossexual no imaginário coletivo, muitas vezes reproduzido nos produtos da cultura de massa. A realidade, porém, demonstra uma complexidade comportamental maior que a apresentada para a população. A literatura LGBT é um subsistema da literatura tradicional cujo produto tornou-se bem cultural que desconstrói a primeira imagem porque relata sentimentos, comportamentos e vivências de forma mais realista e diversificada. Roberto Muniz Dias reforça a ideia em sua dissertação:

Sua importância baseia-se no fato de que abarca temáticas particulares e de papel relevante na realidade contemporânea. O estudo histórico dessa literatura de temática gay vem sendo empreendido como ferramenta para a compreensão do fenômeno sociocultural da homossexualidade como prática cultural em determinado contexto (DIAS, 2013, p. 19).

É uma produção esclarecedora. Então, por qual motivo o segmento não tem ampla divulgação até mesmo pela comunidade? A pesquisa feita pela *Innovare pesquisa opinião + mercado*, em 2014, nos diz que temos 500 editoras atuando no Brasil, mas, até aquele ano, foram lançadas 19.910 publicações sem empresas de edição por trás. Dentre os assuntos mais publicados e vendidos, o de ficção é o que abocanha maiores números. Os dados não ajudam a responder a questão do descaso com a seção específica, mas nos transporta a conclusões acerca dos hábitos dos leitores brasileiros e quais conhecimentos eles buscam em suas leituras.

A imersão na vida dos três selecionados para a série Abertura Silenciosa ajudará o leitor a refletir sobre o questionamento feito acima. Focar nas histórias dos escritores mapeará as motivações dessas pessoas em resistir dentro do campo literário mesmo com o desinteresse dos leitores. Além disso, contará o contexto no qual se insere a comunidade LGBT atual e permitirá ao leitor se conectar com as experiências dessas pessoas. A estruturação do produto contribuirá ao retorno da memória de um grupo, importante para o fortalecimento dos seus membros e para tornar mais democrática a informação.

3 Justificativa

Em paralelo à matéria “Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação”, obrigatória para estudantes de Comunicação Social, cursei a matéria “Pensamento LGBT Brasileiro”. O meu *insight* começou na escolha do objeto a ser estudado para o projeto final da primeira disciplina. Pensei: por que não aproveitar e agregar o conhecimento adquirido de uma na outra?

Desde então, o tema começou a ser lapidado para que tivesse um fundamento comunicacional. Ainda em formato de pesquisa, foi identificado um viés interessante a ser aprofundado, por isso, no pré-projeto, retomei a investigação. Em um primeiro momento, busquei trabalhos que tivessem como assunto “literatura, LGBT, memória”, depois “produção, LGBT, brasileira”. Existe um mar de monografias, teses e artigos – nacionais e internacionais – que transcorrem sobre a homossexualidade nas suas várias manifestações, tanto individuais quanto relacionadas à sociedade ou à saúde. Na Universidade de Brasília, somente a dissertação de pós-graduação *Editoras LGBTTTT brasileiras contemporâneas como registro de uma literatura homoafetiva*, defendida por Roberto Muniz Dias, pelo Instituto de Letras, se aproxima da abordagem tomada neste projeto. O estudo debruça-se a “demonstrar a existência de uma literatura gay pelo agenciamento editorial de obras e autores” (DIAS, 2013, p.6) e empenha-se, como proposta secundária, a contextualizá-la e identificar a parcela consumidora desse gênero literário.

Além disso, outros problemas podem ser facilmente identificados no ínterim. O primeiro deles é que não existe divulgação do segmento fora dos nichos mercadológicos já estabelecidos. Os registros estão voltados para o meio acadêmico, logo só interessarão a quem está envolvido nessa esfera. Não causam interesse a um público leigo, por exemplo. Ainda, não há abertura para divulgação em setores que não sejam os guetos dos homossexuais e da contracultura.

Outro ponto grave é que nenhum dos trabalhos verificados apresenta a preocupação em esclarecer homo e heterossexuais, de forma sedutora e descomplicada, sobre a existência desse universo literário. Seu funcionamento, motivação, atores e principal função – “inserir os novatos e veteranos em um senso de comunidade por meio de memórias que podem dar poder ou resgatar”, paráfrase de Felipe Arede, doutorando em literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e dono de um acervo de literatura LGBTTTT – são deixados em segundo plano.

Uma rápida busca no Google (com as palavras reportagem, literatura, LGBT, autores, brasileiros) indica que não existe, hoje, uma reportagem pautada sobre o assunto escritores do gênero. O tema é abordado em blogs que trazem listas, dão dicas de livros ou revelam alguma novidade pontual sobre o crescimento da literatura ou de editoras explicitamente gay (ver em Apêndice 1). Ademais, as referências brasileiras se misturam a nomes e editoras estrangeiros. O caos de informação causa a falsa ideia de que não existem desbravadores da temática genuinamente nacionais.

Se o esquecimento, a desorganização e a desvalorização da comunidade literária acontecem em todo o país, em escala regional a lógica se repete. Os brasilienses LGBT não sabem quem são seus precursores, tampouco se há um grupo mobilizador. A experiência está seccionada sob quem se propõe a executar o trabalho e seu círculo de convívio.

O trabalho se justifica, portanto, ao proporcionar um retrato inédito. Diante da catalogação, investigação documental e comportamental, juntaram-se informações para mapear pessoas que geram esse tipo de conteúdo no Distrito Federal. A pauta é norteada por valores – atualidade, inusitado, arte, historicidade – que despertam a curiosidade. A humanização do texto ajuda na aproximação com o leitor inicialmente desinteressado e favorece a desconstrução do imaginário LGBT como um segmento exclusivamente erótico. A congruência obtida nas linhas do trabalho poderão fomentar a discussão sobre um tema tabu e ignorado socialmente.

4 Objetivo

Abertura silenciosa – série de perfis sobre escritores LGBT no DF se propõe a contextualizar a literatura LGBT local dentro de um mercado no qual os leitores assíduos são minoria e a busca por conhecimento é rara. Por meio de perfis jornalísticos, busco transgredir o preconceito, aproximar o assunto de pessoas que fazem parte da comunidade LGBT e sensibilizar os leitores a entender que o conteúdo não é puro entretenimento e tampouco erotismo.

As ferramentas usadas, o gênero jornalístico perfil e o conceito de jornalismo literário permitirão esmiuçar a história de cada escritor de forma humanizada, detalhada e quase ficcional – sempre atento ao compromisso com a veracidade dos fatos – dentro da reportagem. Para atingir o objetivo do projeto, entrevistei três autores envolvidos na temática que residem na capital federal ou no Entorno do DF. A partir dos relatos, produzi uma série jornalística, estruturada com um abre e perfis, que pode ser divulgada na mesma lógica dos folhetins do século XVIII – um por vez, em números distintos de publicação. O método foi pensado para tornar o assunto sensível a um público heterossexual que, a priori, não se interessaria.

No trabalho, não vislumbro convencer os leitores a mudar de opinião em relação à sexualidade alheia, mas indico um campo de argumentos e defesa que ultrapassa a dureza dos discursos militantes. Trago à luz vida de pessoas que acreditam no poder das palavras para desconstruir ideias e levar à reflexão. Procuro exibir obras descartadas pelo mercado literário, seja pela lógica de lucro ou pelo tabu social que envolve o tema.

5 Referencial teórico

5.1 Na contra mão do livro-reportagem

O livro-reportagem dá a liberdade para que o repórter não se prenda ao “gancho” pedido pelo jornalismo diário. O fazer jornalístico desenvolvido nesse formato cumpre:

A função aparente de *informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas*, de modo que ofereça ao leitor um quadro da *contemporaneidade* capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o *sentido*, o *significado* do mundo contemporâneo (LIMA, 2009, p.39).

Manifesta-se isso em dois níveis: pelo aprofundamento horizontal e vertical. O primeiro é o registro de informações quantitativas, tais como números, dados, informações detalhadas. O segundo é o uso qualitativo da informação, é a preocupação do jornalista em analisar o fato de modo multiangular em suas causas e consequências. O enriquecimento da narrativa, dessa maneira, torna o grau da informação mais elevado, e a compreensão do tema acentua-se. Em compensação, a própria estrutura de um livro tende a demarcar o conteúdo em quantidade certa de páginas. Em *História & Livro e Leitura*, André Belo indica isso:

Apesar de tudo isso, no fim do circuito que levou este livro do autor ao leitor o objeto que este tem nas mãos para ler continua a parecer-se bastante com o objeto que era produzido no século XVII: um conjunto de cadernos de papel ligados entre si, protegidos por uma capa, contendo um texto impresso a tinta e com um princípio e um fim bem marcados por uma página inicial e uma página final (BELO, 2013, p.6).

O produto *Abertura Silenciosa – série de perfis sobre escritores LGBT no DF* foi elaborado sob a proposta de continuidade. Já que não existem somente três escritores dessa temática na região, por enquanto, não cabe delimitar o assunto dentro de um livro-reportagem. A partir de tal fato, o desafio passou a ser encontrar um formato no qual o projeto se encaixasse. Desde o início, viu-se que dois princípios norteariam todo o trabalho: a humanização na escrita e a flexibilidade com o tamanho das matérias. Esses motivos, em conjunto com a profundidade do conteúdo apurado, fogem à lógica jornalística de periódicos convencionais, como o jornal, que se utiliza da notícia para comunicar. Descrito por Edvaldo Pereira Lima em *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, esse gênero é:

Como mensagem articulada no bojo do processo de comunicação jornalística, a notícia segue as fórmulas de construção que redundam na simplificação do relato em torno dos seus componentes o *que*, *quem*,

*quando, como, onde e por que (...). A estruturação da mensagem jornalística nessa fórmula atende melhor à categoria jornalística que acabou conhecida como *jornalismo informativo*. Seu papel é informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata, objetiva. Em virtude disso, essa prática é muitas vezes criticada como superficial, incompleta (LIMA, 2009, p.17).*

O texto apresentado no produto reúne características da reportagem interpretativa, ou seja:

*(...) as linhas do *tempo* e *espaço* se enriquecem: enquanto a notícia fixa o *aqui*, o *já*, o *acontecer*, a reportagem interpretativa determina um *sentido* desse aqui num circuito mais amplo, reconstitui o *já* no *antes* e no *depois*, deixa os limites do *acontecer* para um *estar acontecendo atemporal*, ou menos presente (LIMA, 2009, p.20).*

5.1.1 Onde publicar?

Nos anos 1980 e 1990, a reportagem perdeu espaço nos jornais e, conseqüentemente, houve a migração do gênero para as revistas. Pelas características intrínsecas ao veículo, “é sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, conforme o leitor de cada publicação” (SCALZO, 2011, p.41). Os repórteres passaram a buscar profundidade na informação e mais: desenvolver um estilo próprio para o texto.

As revistas fazem jornalismo daquilo que ainda está em evidência nos noticiários, somando a estes pesquisa, documentação e riqueza textual. Isso possibilita a elaboração/produção de um texto prazeroso de ler, rompendo as amarras da padronização cotidiana. Da abertura à sentença final da matéria, a produção do texto da revista semanal de informação é um “exercício de raciocínio”, que detona o talento potencial do jornalista/autor (BOAS, 1996, p.9).

O repórter de revista deve estar atento à estrutura de ideias que irá utilizar para enlaçar o seu público. A leitura prazerosa está intrínseca na relação entre quem escreve e quem consome. A preocupação em deixar abertura para a interpretação do leitor, de dar o “quê” a mais na informação, de estabelecer um roteiro do que se vai escrever são essenciais para garantir a boa estrutura do texto e manter o ritmo até a última linha. Apesar de, normalmente, a publicação trazer em seu conteúdo textos grandes, é utilizando tais recursos que o jornalista garantirá a preferência do seu público.

Jornalismo não é literatura, mas as técnicas literárias podem ajudar, e muito, um jornalista a escrever melhor. Cores, cheiros e descrições cabem no texto de revista. Apresentar os personagens, humanizar as histórias, dar o máximo de detalhes sobre elas, também. Aprender técnicas de construção de personagens, técnicas narrativas e descritivas é fundamental para quem quer escrever grandes reportagens (SCALZO, 2003, p.77).

Além da escrita sofisticada e detalhada, outra marca dessa mídia é a segmentação. No livro *Jornalismo de revista*, Marília Scalzo (2003) explica que “é preciso falar com menos gente, para falar melhor.” Porque:

Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo (SCALZO, 2003, p. 12).

Ainda de acordo com a autora, revistas podem ser consideradas “supermercados culturais” já que refletem a cultura dos lugares ou o estilo de vida de um público. Foi o caso, por exemplo, da revista *The New Yorker* (1925), nos Estados Unidos, e *Realidade* (1966), no Brasil. Ambas retratam a cultura, os costumes, a dinâmica de um povo. A primeira foca-se na cidade de Nova York, a segunda ousa ao propor um descobrimento da nação brasileira.

Realidade não se prende ao fato do dia-a-dia, propõe sair da ocorrência para a permanência. Seus temas não são os fatos isolados imediatos, mas sim a situação, O contexto em que esses fatos se dão. Poderíamos dizer que sua concepção do presente é a de um tempo atual dilatado em estendida presentificação (LIMA, 2009, p.226).

O intervalo das edições – que pode variar de semanal até bienal em sua periodicidade – propicia a aproximação com o leitor. Ao adotar um padrão de reportagens contemporâneas, a *Realidade*, por exemplo, está dialogando com quem aceita sua proposta de “construção somativa de um novo mapa da realidade.” Ela consegue, portanto, estabelecer um vínculo com quem está se comunicando, “(...) conhece seu rosto, fala com ele diretamente. Trata-o por 'você'”. (SCALZO, 2003, p.14).

Dentre o leque de possibilidades que a revista oferece, Scalzo (2003) chama atenção para a relevância contida na palavra escrita e impressa. "Ainda hoje, a palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas. Quem quer informações com profundidade deve, obrigatoriamente, buscá-las em letras de forma" (SCALZO, 2003, p. 13). Nesse fazer jornalístico, abandona-se o ineditismo e volta-se para o verídico, por isso os consumidores desse meio acreditam na credibilidade da informação para formarem opinião e se educarem sobre determinado assunto.

Enquanto os jornais nascem com a marca explícita da política, do engajamento claramente definido, as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos

acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as "notícias quentes") e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática) (SCALZO, 2003, p.14).

A liberdade não é exclusividade do texto, a revista permite variação também na periodicidade, no formato, na diagramação, no design, entre outros elementos. A *The New Yorker* foi um exemplo. À medida que a tiragem cresceu, concedeu-se mais páginas ao periódico. Em vez de investir em fotografias ou gráficos, o editor preferiu apostar em texto. As reportagens feitas para a editoria 'Perfis' passaram a ganhar mais palavras de 1930 para frente. Com isso, um perfil passou a ser dividido em edições distintas e indicava-se ao leitor que "este é o primeiro de uma série." Criou-se a seguinte equação:

(...) se o texto fosse fatiado para aparecer em diferentes edições da revista, o editor teria que dar um jeito de recuperar pessoas e eventos em trechos do meio do caminho, de forma a não deixar o leitor que pegou o bonde andando sem saber do que se tratava. Ao mesmo tempo, teria que fazer de forma sutil o suficiente para não irritar o leitor que acompanhava a história desde o começo (PANIAGO, 2008, p.121-122).

Portanto, para maior compreensão e comprometimento dos leitores com *Abertura Silenciosa*, sugestionou-se publicar as reportagens de forma seriada. O conjunto é unido por uma capa que estará à frente em cada edição. Na primeira aparição, além do artifício de identificação, o perfil estará acompanhado de um texto de apresentação, que funcionará para contextualizar o leitor no assunto. Os perfis seguintes terão a capa e a mesma estética na diagramação.

O recurso foi inspirado na rotina de publicação dos folhetins do século XIX nos jornais. A primeira reportagem publicada nesses moldes foi *O subterrâneo do morro do castelo* de Lima Barreto, em 1905, no *Correio da Manhã*. Ainda assim "é uma mistura de uma história de amor com uma suposta reportagem sobre as escavações para a criação da avenida Central, (...) símbolo do projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro" (DE TASSIS, 2007, p.149). Diferentemente de seu precursor, os perfis da série *Abertura Silenciosa* estão enquadrados nos moldes do jornalismo literário (ver tópico 2.1 do Referencial Teórico). A aproximação com os folhetins, nesse caso, faz-se pelo uso de recursos literários no texto, como os ganchos, o resgate do contexto e a unidade, além da divulgação de capítulo por capítulo.

Para manter a fórmula que prendia o público e, conseqüentemente, garantir a crescente vendagem dos jornais, os escritores precisavam de técnicas que iam muito além do simples retalhamento dos romances. Era necessário criar ganchos, manter o suspense, resgatar sempre o contexto da história e dos personagens, a fim de garantir a unidade da narrativa sem deixar de surpreender, mantendo assim os antigos leitores e possibilitando o acesso a qualquer momento de novos. Sem contar certa dose de versatilidade, já que a

narrativa poderia se prolongar ou encurtar de repente, dependendo da aceitação do público (DE TASSIS, 2007, p.149).

De acordo com Bakhtin (1992), gêneros discursivos englobam qualquer texto que tenha um propósito comunicativo.

A mídia impressa revista apresenta textos voltados para diferentes públicos, a partir de diferentes periodicidades, com discursos baseados em distintos tipos de crenças e com as funções de, ao mesmo tempo, informar e entreter. (...) Em decorrência disso, e na busca por apontar uma categorização que dê conta de todas as especificidades da mídia impressa revista, cabe considerar propostas de gêneros/subgêneros e formatos já existentes para outros produtos midiáticos (CASALI, 2007, p.3).

A intenção de *Abertura Silenciosa* é informar o público de maneira envolvente, criativa e humana. Para isso, entra em consonância com Scalzo (2003) quando a autora infere sobre a apropriação do design para informar:

Design em revista é comunicação, é informação, é arma para tornar a revista e as reportagens mais atrativas, mais fáceis de ler. Tanto quanto os jornalistas, os *designers* devem estar preocupados o tempo todo com a melhor maneira – a mais legível – de contar uma boa história (SCALZO, 2003, p.67).

5.2 Colorindo o texto

A revista colaborou para o aprofundamento das reportagens transmitidas no formato de notícia pelos jornais, rádio e televisão. Por meio da narrativa, o jornalista deve dar prazer a quem o lê. Por isso:

As revistas exigem de seus profissionais textos elegantes e sedutores. (...) Há, isto sim, uma conciliação entre técnica jornalística e literária. Não fazem exatamente literatura, porque jornalismo não se expressa por supra-realidades. Ao contrário, tratam de uma realidade comum a todos. Mas a técnica literária é perfeitamente compatível com o *estilo jornalístico*. (BOAS, 1996, p.9).

A liberdade textual mais a necessidade natural dos veículos de se reinventar resultam na união do jornalismo com a literatura e na busca pela estética textual. A série *Abertura Silenciosa* foi criada em concordância com essa especificidade. Com exceção do texto de abertura – o abre -, as outras três reportagens, que tratam sobre os escritores, contêm traços literários.

A decisão de se apropriar da literatura para o presente trabalho tem origem no tema escolhido. A literatura LGBT teve visibilidade na época da ditadura, pelas mãos dos adeptos ao *Desbunde* – gíria dada aos jovens do movimento contracultural, nos anos 60. A crise política mundial, em particular no Brasil, com a censura imposta pelos militares, fez com que a

juventude partisse em busca de uma identidade diferente daquelas impostas pelos pais e o estado. Assim floresceram os movimentos sociais, as lutas pelos direitos das minorias e a busca por uma nova identificação. A arte passou a ser o canal para os protestos e começou a construção de uma memória dos grupos marginalizados. O período proporcionou intensa e diversificada produção cultural em todos os campos artísticos. Os escritores da década de 70, por exemplo, começaram a mudar o foco e passaram a representar a realidade em seus romances, já os jornalistas tiveram que conviver com a censura do Ato Institucional nº 5 (AI-5).

O resultado foi que, como unanimemente tem registrado a crítica do período, à literatura da época coube, então, o papel de resistir politicamente às arbitrariedades dessa censura nos jornais e nos outros meios de comunicação; denunciando e revelando as verdades omitidas no silêncio, a história mascarada pela versão oficial. Tal papel (...) era efetivado pelos escritores e exigido pelo público carente de informações não divulgadas por outros canais. (COSSON, 2001, p.16)

Desse estreitamento entre a literatura e o jornalismo surgiu o romance-reportagem. Um gênero híbrido que tem na verdade factual o embasamento e na denúncia social sua marca habitual. Rildo Cosson esclarece, em *Romance-reportagem: o gênero*, porque o termo deve ser analisado de acordo com o conteúdo e a expressão.

Inicialmente, a denúncia social nasce mesmo como resultado de uma opção do escritor em relação à constituição da obra e do público que pretende atingir; essa é, na verdade, a *função individual* que o escritor concebe para si próprio. Depois, em contrapartida, a denúncia social precisa, para alcançar a efetivação como tal, que o público a tome como parte necessária da produção daquela obra; o escritor cumpre, assim, a sua *função social*. (COSSON, 2001, p.66)

Para fisgar o leitor em sua verdade:

(...) a denúncia social deve ser tratada como um fator estratégico na construção da narrativa, e pode, de fato, vir mesmo a ser considerada como característica de uma determinada forma de narrar. (COSSON, 2001, p.67)

Em *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Edvaldo Pereira Lima relembra o século XIX quando diz que “o jornalismo bebe na fonte da literatura”. Os folhetins e suplementos literários foram os meios pelo qual o jornalismo se desvinculou da forma rígida que as notícias reportavam. A decadência desses formatos e fazer jornalístico veio com as alterações na imprensa. Como camaleões, os repórteres não abandonaram completamente as técnicas que tinham aprendido na era romântica, pelo contrário, passaram a aproveitá-las nas reportagens.

E é esta tarefa, a de sair ao real para coletar dados e retratá-lo, a missão que o jornalismo exige das formas de expressão que passa a importar da literatura (...) fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (LIMA, 2009, p.178)

Assim surgiu o *new journalism*, que se propõe a fazer uma literatura da realidade social. Ou seja, traduzir a sociedade por meio da escrita e dos detalhes dos acontecimentos com maior temporalidade.

O relato de acontecimentos, o acompanhamento do cotidiano, a elucidação do que ocorre com uma sociedade em transformação, que se urbaniza, se industrializa, se moderniza, enfim, os efeitos dessa mudança sobre os indivíduos, sobre os grupos sociais, são as tarefas a que se propõem muitos dos escritores do realismo social. (LIMA, 2009, p.182)

5.2.1 Jornalismo literário

Como o próprio nome diz, o termo se refere à narrativa com qualidade literária. O impulsionador da corrente foi o realismo social que aplica aos seus princípios a relação da verdade factual ao ser e ao parecer no discurso e na diegese.

No nível da diegese, que é o da história ou do mundo narrado, o romance-reportagem é verdadeiro por reproduzir fatos ocorridos em um mundo concreto, tal como a reportagem é verdadeira. Aqui o romance-reportagem tem a verdade factual como essência ou identidade do “ser”. No nível do discurso, que é o da sequência de signos pela qual o narrador apresenta a história, o romance-reportagem ordena e apresenta os fatos segundo as necessidades de coerência interna da narrativa que ele instaura. A teia de facticidade com que a reportagem cobre e sobredetermina seus fatos, tendo como controle a relação fato/notícia, é substituída pela mímeses da representação⁷, cujo controle é exercido pela verossimilhança. Tal substituição determina ter o romance-reportagem a sua verdade, nesse nível, como aparência, isto é, como um “parecer” que propõe como um “ser”. (COSSON, 2001, p.42)

Isso é a essência do jornalismo literário. Quando o jornalista tem todos os fatos apurados, ele os tece em uma narrativa da forma como entende que o personagem seja apresentado ao leitor. O seu limite torna-se a verossimilhança.

Alguns recursos são utilizados pelo profissional para construir o texto. Os principais são o posicionamento do narrador em terceira pessoa que causa um ponto de vista distanciado,

⁷ Apesar de o escritor fazer um “alargamento da percepção da realidade”, ele tem que se manter ancorado no que foi apurado. Não pode dar espaço à imaginação, deve manter o compromisso com a verossimilhança.

como se ele não estivesse presente. Outro é a construção da narrativa cena a cena, um artifício que dá ao leitor a sensação de ser conduzido pela mão dentro da história. Edvaldo Pereira Lima cita uma explicação feita por Tom Wolfe, em *Radical chique e o novo jornalismo* sobre isso:

O básico era a construção cena a cena, contando a história cena a cena e recorrendo tão pouco quanto possível à narração puramente histórica. Daí as extraordinárias proezas de reportagem que os novos jornalistas às vezes realizavam: podiam testemunhar efetivamente as cenas nas vidas das outras pessoas à medida que aconteciam – e registrar o diálogo por completo (...) o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro instrumento. Também situa e define o personagem mais rápida e efetivamente do que qualquer outro recurso (...). (LIMA, 2009, p. 197)

Dentro de *Abertura Silenciosa*, o problema era que muitas informações eram resgatadas da memória dos perfilados, portanto, não aconteciam no momento presente. Foi feita, então, uma reconstituição dos fatos de acordo com o que foi contado – nos mínimos detalhes – por cada escritor, a fim de que o texto final enriquecesse e fizesse sentido. Tal processo era amplamente usado no romance-reportagem, chama-se circulação da informação.

Com o objetivo de preencher os espaços narrativos com um máximo de informações e, ao mesmo tempo, de evitar assumir livremente a enunciação e os riscos de uma subjetividade inconveniente e nem sempre contornável, o narrador realista, como acentua Hamon, utiliza o recurso de entregar a uma personagem a função de fazer circular os conhecimentos. Assim, ao transmitir determinada informação, uma personagem estará garantindo a coerência interna do texto e, simultaneamente, a autenticidade da informação, bastando, para tanto, ser essa personagem uma testemunha ou um “dono” da informação a ser transmitida. (COSSON, 2001, p. 54)

Dessa forma, o *new journalism* ou novo jornalismo, em português, consegue envolver por completo quem o lê na realidade que está mostrando. “À *objetividade* da captação linear, lógica, somava-se a *subjetividade* impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real” (LIMA, 2009, p. 195). O agrupamento de características cria, no leitor, semelhante efeito das variadas expressões contraculturais: reordena-o de maneira intelectual e emocional na leitura, pois, indiretamente, estimula-o pela memória e convida-o a criar imagens por meio dos esboços descritos.

Lima transcreve a consideração de Wolfe em seu livro:

Os escritores mais talentosos são os que manipulam os conjuntos de memória do leitor de tal modo sofisticadamente que criam dentro da mente deste um mundo completo que ressoa com as próprias emoções reais do leitor. Os eventos estão meramente acontecendo na página impressa, mas as

emoções são reais. Daí a sensação única de quando se está “absorvido” num certo livro, “perdido” nele. (LIMA, 2009, p.200)

A apropriação desses recursos foi o método encontrado para deixar os perfis da série mais atraentes. Contribui para que as nuances, por meio de associação, sensibilizem o público. Além disso, o papel fundamental desse tipo de narrativa é reconstituir a memória, tanto de uma pessoa, quanto de um grupo que, nesse caso, a toda hora é apagada, desvalorizada ou mascarada pela violência e discriminação social.

Buscou-se, então:

transmitir o conhecimento por meio da encenação da experiência. Com o romance-reportagem, a denúncia social passa da condição de crença ingênua no mito da linguagem revolucionária e transformadora de homens para a posição real de comunicação narrativa. Comunicação que leva, naturalmente, à reflexão e à consciência (...). (COSSON, 2001, p. 77)

5.3 Personagem em foco

Para conseguir o efeito “humano”, proposto pelos novos jornalistas, em *Abertura Silenciosa*, foi usado o gênero que põe em foco as personagens da história: o perfil.

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de *perfil*. (SODRÉ, 1986, p.125)

Paulo Paniago, em sua tese *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*, afirma que a narrativa, nessa composição, é uma aproximação à estrutura literária. Deve-se ter em mente, no entanto, que a escolha desse gênero exige o personagem de ser mera caricatura, ficção. Trata-se de um ser humano real, complexo, repleto de singularidades a serem transmitidas a um público heterogêneo. Tal fator contribui para que o desenrolar do texto dependa exclusivamente da personagem, o narrador não pode inventar nenhum fato como é comum nos romances. Por isso, a compreensão do repórter de que sua relação com a fonte deve ser a mais afinada possível é essencial. Somente assim se alcançará a técnica do detalhe íntimo e específico. Sérgio Vilas Boas transcreve um parágrafo que descreve o método do livro *Creative nonfiction journal*, de Lee Gutkind, em seu exemplar *Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens*:

Mediante utilização do detalhe íntimo, podemos ouvir e ver como as pessoas sobre quem escrevemos dizem o que está em suas cabeças; podemos notar

suas inflexões de voz, seus elaborados movimentos de mão e quaisquer outras excentricidades. “Íntimo” é uma distinção-chave no uso do detalhe ao elaborar boas cenas. Íntimo significa registrar e apontar o detalhe que o leitor talvez não conheça ou sequer imagine sem a sua particular visão de dentro. Às vezes o detalhe íntimo pode ser tão específico e especial que se torna inesquecível na mente do leitor. (VILAS BOAS, 1965, p.96)

Para conseguir algum efeito, o jornalista sai do papel de “reprodutor do real” e passa a usar inteligência e criatividade ao narrar a realidade na qual está imerso. É um reposicionamento do narrador. Ele se utiliza dos elementos de um romance – enredo, personagem e ideias – para construir algo digno de atenção.

Sendo o elemento de maior vivacidade na história narrada, o personagem ganha o leitor quanto maior for sua capacidade de convencimento. O mesmo mecanismo explica o sucesso das biografias. Mesmo incompletas, incapazes de dizer o que é a totalidade da experiência humana, são sedutoras a partir do momento em que não simplesmente arrolam acontecimento após acontecimento na vida de uma pessoa, mas retiram dali algum tipo de compreensão. É importante, em suma, que a personagem seja capaz de transmitir ao leitor sentimento de verdade, verossimilhança. (PANIAGO, 2008, p.29)

Algumas características devem ser levadas em consideração quando se fala de perfil. Uma delas é diferenciar o gênero de biografia. Por mais que as duas falem sobre alguém real e interessante ao ponto de fisgar o leitor, a biografia deve ser abrangente, retratar a vida inteira de uma pessoa. Além disso, a pessoa escolhida traz o valor-notícia notoriedade agregado em si.

A biografia está comprometida com mostrar aquilo que a pessoa tem de diferente, de único, de excepcional. Não se espera a biografia de um ilustre desconhecido. É sempre daquele que se destacou, seja por um feito heroico, invenção científica, superexposição midiática (as estrelas da música ou do cinema...). É preciso ter um “grande” nome para merecer uma biografia. Tradicionalmente, ela é abrangente. A vida inteira precisa estar ali. Inclusive, a tradição apronta ainda para as origens imediatas (pai e mãe) do biografado, porque talvez ajude a explicar alguma circunstância. (PANIAGO, 2008, p. 153)

Já o perfil faz o recorte de um momento da vida do personagem. É provável que a figura escolhida em tal circunstância seja novamente selecionada em outra. Nada impede que existam vários perfis sobre um só sujeito, já que a efemeridade é uma marca do gênero. Futuramente a junção de todos os perfis pode se tornar uma biografia.

A revista americana *The New Yorker* contribuiu para mais um atributo nesse tipo de texto: “incorporar como modelo o homem comum, o sujeito sem ambições, sem grandes realizações pessoais ou coletivas” (PANIAGO, 2008, p. 154). Traço de extrema importância para a série

Abertura Silenciosa, pois, nela, se apresentam nuances de personagens do cotidiano, que são referências para alguns, mas sempre dentro do meio em que estão inseridos. Interessa, nos textos, realçar os elementos que existem nos escritores e torná-los destaque para os seus públicos-alvo. Além disso, demonstra-se o modo, de cada um, atuar diante da vida.

O cerne mais específico, no entanto, não torna esse tipo de reportagem menos ambicioso. Em *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, menciona-se que os novos jornalistas

como se grudavam com seus personagens, qual carrapatos, acompanhando-os, observando-os à exaustão, até que espontaneamente aconteciam as cenas do cotidiano realmente reveladoras do personagem, seu comportamento, suas atitudes, seu *status* de vida, suas contradições. (LIMA, 2009, p.205)

Ao jornalista, cabe a missão de fazer a “modulação do ouvido e do olhar” para refinar a sua percepção e saber captar pormenores das personalidades que estão a sua frente – ou não. Sendo assim, Paniago reúne as características para a construção desse esboço minucioso. Elas são: dedicação à longa reportagem; tratar o ser humano na sua complexidade, sem esquecer de seu passado e relações interpessoais; encontrar o incomum dentro da “pessoa comum”; contemplar o acabamento do texto; registrar e descrever detalhes; multiplicar as perspectivas do mesmo evento – ao fazer uso de mais de um personagem ligado à ocorrência principal.

O narrador acentua os pontos do último parágrafo quando adota técnicas do universo literário. A recordação e o *flashback* são recursos comuns, já que o primeiro vem “realçar o estado interior do personagem, confirmando, assim, a coesão do mundo narrado” e o segundo “surge não como discurso do narrador intervindo na narrativa, mas como parte de uma recordação do personagem” (COSSON, 2001, p.49). Motivação psicológica é “construída como produto e reflexo dos fatos exteriores que atingem, e às vezes até determinam, a existência inteira da personagem” (COSSON, 2001, p.50). Localização espacial “diz respeito ao lugar onde se desenvolve a ação da narrativa (...) seja pela descrição dos locais, seja pela nomeação dos lugares onde se desenrola a ação” (COSSON, 2001, p.59). Datação “é responsável, em grande parte, pela coesão temporal da narrativa (...) torna-se uma presença necessária e obrigatória para o bom desenvolvimento da cronologia” (COSSON, 2001, p.60). As entidades e as referências históricas “autenticam a referencialidade da narração por meio do simples ato de sua nomeação, uma vez que todas elas pertencem, usualmente, ao presente quase imediato do leitor” (COSSON, 2001, p.61). Mas, entre todos, o artifício fundamental para o gênero perfil é

a descrição, porque seu sistema tem “certo amoralismo”, ou seja, o narrador utiliza-se disso para causar sensações ao leitor.

(...) a administração dos pormenores causadores do efeito de real, a acumulação dos índices de determinadas ações, principalmente por meio da descrição da personalidade ou interior da personagem, a explicação da interação entre a personagem e o meio, seja por influência desse seja por necessidade da primeira.

O bom senso sempre é bem-vindo quando se trata de representações. O narrador não pode empregar a descrição como ornamento, “(...) ao contrário, exige que ela seja naturalizada ou motivada para que o leitor receba as informações sem notar que está sendo arbitrariamente conduzido” (COSSON, 2001, p.56). A naturalidade é elemento indissociável para um texto fluido.

A mesma postura deve ser repetida em relação à pessoa analisada. A aproximação com o sujeito amplia a visão sobre diversas áreas cotidianas. Isso pode ser um problema, pois o jornalista depara-se com a linha tênue entre retratar nitidamente ou ser sensacionalista. Sérgio Vilas Boas levanta a questão no capítulo *Perfis e close-ups* ao comparar revistas focadas em celebridades com as extintas *O Cruzeiro* e *Realidade*. Afirma que, nos formatos atuais, “emergem intrigas de bastidores, a invasão consentida, premeditada e falseada da privacidade, a preocupação estrita com auto-imagens, a riqueza sem grandeza, a vida miúda”. Esquecem-se “as sutilezas do encontro, a pessoa por detrás do mito ou o grau de observação e captação do autor” (VILAS BOAS, 2002, p.97). Edvaldo Pereira Lima diferencia o jornalismo literário de um estilo americano chamado *feature*, cuja construção é rasa e está voltada para o entretenimento.

A narrativa literária é sofisticada. Abarca mecanismos como a montagem cena por cena, a variação de perspectiva – angulação – e o dinamismo dos diálogos e vozes. Busca elementos cinematográficos para alimentar o arranjo geral. Lima pontua algumas referências:

1. *sumário* ou *exposição*, que consiste numa síntese de uma ação secundária. Desse modo, passa-se rapidamente por ela e ao mesmo tempo traz-se contexto à ação principal;
2. a *cena presentificada da ação*, que consiste no relato detalhado do acontecimento à medida que se desenvolve, desdobrando-o, como numa projeção cinematográfica, para o leitor. Presentificar significa apresentar a vida em desenvolvimento para o leitor, não necessariamente empregando o tempo verbal no presente. (...)

3. *ponto de vista* – isto é, a perspectiva sob a qual o leitor verá o acontecimento – pode ser o do repórter, o do protagonista dos acontecimentos ou o de uma terceira pessoa. (...)
4. a *metáfora* e as *figuras de retórica* são aceitas quando se necessita explicar um tópico complexo;
5. as *citações diretas* são usadas moderadamente;
6. as *fontes* são *identificadas claramente*, a *verificação* dos dados tem de ser criteriosa e a *documentação* deve ser sólida. (LIMA, 2009, p.208)

O jornalista, então, deve coletar material suficiente para possibilitar o uso dessas técnicas. O tempo é o aliado para isso. Não se consegue espontaneidade em uma única apresentação. Paniago ressalta, em sua tese, que o momento de encontro entre jornalista e entrevistado é único. Não pode haver interferências do profissional, tampouco oportunismos, projeções do personagem. O autor compara a captação do repórter para o perfil aos obstáculos enfrentados por fotógrafos quando fazem um *portrait*. O profissional decide se escreverá sobre uma encenação ou se irá esperar o “momento decisivo” em que os fatos acontecem. O importante é “a capacidade do repórter de se colocar diante do objeto como se fosse um gravador, ou uma câmera, que registra não apenas sons, mas qualquer detalhe que constitua importante base para o desenvolvimento narrativo (...)” (PANIAGO, 2008, p.28).

Por motivos adversos, nem sempre o encontro físico é viável. Nesse caso, o jornalista deve driblar os contratemplos e perfilar o sujeito sem entrevistá-lo. O caso mais famoso sobre o método foi o de Gay Talese, com o seu *Frank Sinatra has a cold*. Talese foi a Los Angeles para um encontro com a celebridade, mas o compromisso foi desmarcado por conta de um resfriado. Ao invés de retornar sem a apuração, o repórter seguiu os passos do astro e conversou com pessoas próximas a ele. Escreveu o texto sem trocar nenhuma palavra com seu personagem. Mesmo assim, é possível estabelecer uma conexão com Frank Sinatra, conhecê-lo no seu íntimo. Talese vale-se dos recursos literários para transformar as descobertas em memorização para o leitor e consequentemente o sensibilizar.

O método, portanto, do jornalismo literário difere do método do jornalismo tradicional. Não se trata nesse ambiente de justapor dados, mas de observar e interpretar a realidade, o que parece mais de acordo com a natureza humana. (PANIAGO, 2008, p.62)

5.3.1 Apropriação de um método

A *The New Yorker* foi inspiração pelo mundo em diversos aspectos. Definiu ou redefiniu gêneros jornalísticos e foi escola para renomados jornalistas contemporâneos. John Hersey foi

um deles. Começou a escrever para a revista quando a *Life* não quis publicar a sua sugestão de pauta sobre um tenente, sobrevivente de um naufrágio da Marinha, no Pacífico Sul. O texto foi escrito, mas para a *The New Yorker*, que aceitou a sua ideia.

Nasceu, assim, *Sobreviventes*. Publicou-se na editoria ‘Repórter à Solta’, porém o texto fugiu do padrão seguido na seção – “que preferia relatos das experiências e ações vividas pelo repórter, mas só.” (PANIAGO, 2008, p.179). Hersey dramatizou, em um relato de não-ficção, a história do personagem após realizar entrevistas extensivas. Bem Yagoda explica, em trecho retirado para contemplar a tese de Paulo Paniago, como foi feito:

Reuniu seu material por meio de entrevistas extensivas, depois contou a história do modo como um escritor de ficção contaria – onscientemente, com cenas e diálogos e incursões dentro do pensamento de seus personagens, e sem qualquer atribuição de fonte jornalística tradicional. De fato, *todo* aparato jornalístico estava guardado fora da visão convencional (Yagoda, 2001: 185, grifo do autor). (PANIAGO, 2008, p.179)

A primeira experiência proporcionou abrigo do jornalista na revista. Ele publicou quatro perfis no periódico até engatar o que, no meio jornalístico, se considera a “melhor reportagem já escrita”: *Hiroshima*. O lançamento da reportagem foi na edição de 31 de agosto de 1946, na qual se mantiveram a programação dos eventos culturais na cidade e a capa. As outras páginas foram ocupadas pelo relato humanizado sobre a bomba lançada no Japão. Isso aconteceu em um momento de pós-guerra americano, era essencial elencar o assunto.

De qualquer forma, elementos que foram empregados em *Hiroshima* são interessantes para *Abertura Silenciosa*. A começar pela estrutura da reportagem. Ele optou por empregar a multiplicidade de perspectivas de um mesmo evento por meio de seis personagens selecionados em uma bateria de entrevistas.

Esses seis personagens funcionam como uma amplificação do conceito perfil: em vez de apenas um, uma multiplicação das perspectivas a respeito do mesmo evento, acompanhada com o olho minucioso do treino, que Hersey havia desenvolvido bem. (PANIAGO, 2008, p.182)

As características presentes nas outras produções de Hersey, como “o olho e a orelha de um romancista e a ética de trabalho de um repórter”, foram fundamentais para humanização dos sobreviventes japoneses que, nos Estados Unidos, eram tratados pejorativamente.

Hiroshima não trazia revelações técnicas nem dados desconhecidos sobre os efeitos da bomba atômica. Seu impacto veio do enfoque e da abordagem escolhidos por Hersey. Humanizando o que havia ocorrido por meio do relato de seis sobreviventes – duas mulheres e quatro homens, sendo um deles um estrangeiro no Japão –, ele aproximou a abstração ameaçadora de

uma bomba atômica à experiência cotidiana dos leitores. O horror tinha nome, idade e sexo. (HERSEY, 2002, p.168)

A dramatização, recorrente em seus textos, foi trocada pelo estilo direto para que o autor se ausentasse de ser um mero mediador.

Ao optar por um texto simples, sem enfatizar emoções, ele deixou fluir o relato oral de quem realmente viveu a história. O tom da reportagem é um prolongamento da dor silenciosa que os sobreviventes de Hiroshima notaram nos conterrâneos feridos (...) assim a experiência do leitor poderia ser a mais direta possível. (HERSEY, 2002, p.168)

A permissão que o jornalismo literário tem para flertar com as técnicas da literatura permitem implantar a reflexão no leitor, que passa a enxergar naquela transmissão, a ter empatia. Em razão disso, o tema escolhido para o produto precisa do mecanismo adotado em *Hiroshima*.

(...) o narrador esquivava-se de tomar a palavra para prestar esclarecimentos em uma trama na qual os mistérios da vida suplantaram os da narrativa, além de permitir que o leitor deduzia, “livremente”, as suas próprias conclusões dos fatos narrados. (COSSON, 2001, p.55)

5.4 “Podemos conversar?”

A entrevista pode ser encarada de forma mecânica ou como um diálogo. De acordo com Cremilda Medina (1995), “se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo” (MEDINA, 1995, p.5).

O tema tratado em *Abertura Silenciosa* é de cunho pessoal. Os porta-vozes eram, principalmente, pessoas que estavam narrando as próprias vivências ou pessoas com fortes vínculos a eles. Portanto, a técnica poderia ser um fiasco se mal executada. Um planejamento era fundamental. A pesquisa prévia encaminharia o assunto, os objetivos, a formulação dos problemas e um roteiro para captação.

Esses itens dão conta, entre outras coisas, da localização precisa do assunto em termos do âmbito – área de atividade econômica, segmento social, campo de conhecimento – a que pertence, do espaço em que está inserido – seu posicionamento geográfico, social –, do tempo que abarca – no sentido cronológico dos acontecimentos – e dos personagens que envolve. (LIMA, 2009, p.88)

A problematização contida e detectada dentro do assunto será a condução da pauta. No caso dos escritores, o principal a se investigar era a trajetória literária individual, mas, agregado a isso, a história de suas sexualidades, combustível para a escrita de cada um. A sistematização do trabalho é encerrada quando se estipulou o objetivo a ser alcançado.

A partir do encontro com o entrevistado, busca-se atingir o fenômeno da identificação, mencionado por Medina (1995). É a maneira de interligar a fonte, o repórter e o receptor em uma única vivência, formando o diálogo interativo.

A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. (MEDINA, 1995, p.6)

Para desenvolver a técnica, o profissional deve se desligar de questionários prontos e humanizar o contato com o entrevistado. Os dois não podem mais ser “o EU e o TU”, os dois lados devem se conectar para que o jornalista consiga extrair do indivíduo o conhecimento que almeja apresentar ao público. Consegue-se abrir as possibilidades quando “o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir (...)” (MEDINA, 1995, p.11).

Para isso, o entrevistador deve passar a imagem de confiança e ter sensibilidade para captar fatores que possam perturbar a autenticidade da entrevista. O jornalista deve perceber se a pessoa na sua frente está encenando um papel, está fugindo de um posicionamento, está sendo prolixa, por exemplo. “A única possibilidade de autenticidade, verdade, entre os dois interlocutores é a entrega do EU ao TU, um TU-PESSOA e não um TU-isto” (MEDINA, 1995, p.13).

A autora apresenta duas tendências de entrevistas jornalísticas: a de espetacularização e a de compreensão. Na série, usaram-se as técnicas do segundo grupo: a entrevista conceitual, na qual se busca entender conceitos que a fonte detém de conhecimento; a entrevista investigativa, que é a procura pela informação indisponível ao jornalista; a confrontação-polemização, a qual serve para tirar conceitos e posições do entrevistado e confrontá-los com a realidade; o perfil humanizado, que se trata de um mergulho no outro, no intuito de entender seu histórico de vida, comportamentos, valores.

O propósito dessa coleta de informações é proporcionar uma visão multiangular dos personagens. Por meio de suas histórias de vida, o jornalista consegue absorver a vivência do outro de maneira longitudinal, ou seja, aprofundada. Diante disso, pode reconstituir os fatos em uma narrativa.

O narrador envolve uma finalidade que ultrapassa o meramente informar. Compreende uma reconstrução do real, uma reconstrução em que o emocional-racional e o emocional se equilibrem, em que o real e o imaginário convivem. (LIMA, 2009, p.96)

Medina ratifica que:

Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente se faz presente o imaginário, a subjetividade. Como enquadrar nos limites de um questionário fechado, numa cronologia rígida, de uma presentificação radical uma *personagem* que ultrapassa estes ditames? O Diálogo Possível, se acontecer, já contraria esta fórmula. (MEDINA, 1995, p.43)

O mesmo jornalista que se aproxima para entrevistar é o que se torna o comandante da narrativa. A fim de se ater ao pilar da objetividade, regra do jornalismo, o profissional recorre à democracia da informação.

(...) significa buscar novos padrões de expressão jornalística, possibilitando a difusão de diferentes *versões* dos fatos, honestamente construídos. (...) abertura da captação para mais de uma forma simultânea de leitura do real. (LIMA, 2009, p.101)

Rildo Cosson nomeia a técnica de teia da facticidade. Em seu livro, *Romance-reportagem: o gênero*, define a teoria, de acordo com a autora Gaye Tuchman, da seguinte forma: um fato isolado só faz sentido se aparecerem uma série de outros fatos, uma forma e um lugar contados por uma fonte que presenciou ou participou dos acontecimentos.

Ao contrário, sua efetivação, nas páginas dos jornais, depende muito do que a autora denomina, com muita propriedade, de *teia da facticidade*, isto é, de uma rede de referências cruzadas de fatos, na qual “um fato justifica o todo (esta história é factual), e o todo (todos os fatos) legitima este fato (este referente particular)”. (COSSON, 2001, p.34)

A entrevista, se tratada como um mecanismo de interação social, é eficaz na apresentação do modo de ser e de dizer de um entrevistado. Será útil para compreender tanto a pessoa, quanto a sua relação com o meio. Trará forma de expressão e individualidade ao texto.

Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel multivozes e o repórter, o autor, é apenas um sutil maestro que costura os depoimentos, interliga visões do mundo (...) atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista: a de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor. (LIMA, 2009, p.107)

6 Metodologia

Nesse tópico explicarei a caminhada para delimitar o tema em uma série de reportagens. Também descreverei como encontrei os personagens que participaram do trabalho, assim como quais teorias, sobre o conteúdo específico, ajudaram a compor a estrutura de *Abertura Silenciosa*.

6.1 Pré-apuração

6.1.1 Do tema

Desde o início a ideia era entregar como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma reportagem. A proposta de tema do pré-projeto de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação era interessante para ser transformada em produto, já que era inédita. Mas a lapidação do assunto ficou um longo tempo estagnada. Estava perdida no andamento.

Em conversa com o meu primeiro orientador, Fábio Pereira, foi explicado que eu deveria pensar no formato de reportagem e fazer uma pesquisa aprofundada no tema. Ele sugeriu que buscasse na ementa da disciplina, Pensamento LGBT Brasileiro, a bibliografia necessária para entender qual foco era o mais interessante para uma reportagem.

Comecei a estudar pelo livro *Devassos no Paraíso*, escrito por João Silvério Trevisan, em 1986. O autor discutiu a relação da homossexualidade com a sociedade brasileira desde a forma mais primitiva até a mais complexa, englobou todos os setores sociais em seis capítulos e dois apêndices. Essa foi a primeira vez que se registrou um mapeamento da história da comunidade LGBT. Inspirado em Foucault (1985), Trevisan traça o seu objetivo na obra:

Se, como Michel Foucault, praticar a homossexualidade é estar em devenir, a vivência homossexual não parece se contrapor ao estado de vir-a-ser característico de uma nação feita de grandes enigmas e tão inacabada quanto o Brasil. Por isso, uma das já mencionadas finalidades deste livro é contrapor-se às reiteradas tentativas de se esconder a vivência homossexual sob o tapete da história brasileira. (TREVISAN, 1986, p. 34)

E continua:

Uma análise histórica da homossexualidade tal como os brasileiros a vivem deverá ser menos a história da permissividade emanada dos mecanismos de controle social (evoluindo da Inquisição e Censura policial para a Psiquiatria, o Saber universitário e os Mídia) e mais o levantamento de vestígios de um desejo indômito, que floresce de modo subjacente seja nos

quintais da província, seja nos banheiros públicos das grandes cidades. (TREVISAN, 1986, p.34)

Nas primeiras linhas da introdução o autor relembra a epidemia que assolou o mundo nos anos 80: a aids. Entre as consequências da doença fatal, a onda de conservadorismo que voltou a rondar sobre a opinião pública brasileira foi a maior responsável pela criação do argumento de uma desnaturalização sexual praticada pelos homossexuais. Definiu-se rótulos e a formação de um gueto, no qual quem estivesse ali era fadado à marginalização. Argumento semelhante é levantado por Foucault (1985), em *História da loucura*.

Ao explicar a concepção do internato, na França, no século XVII, o pensador descreve o critério, respaldado por “consciência médica”, de seleção para se internar alguém no local: ia para lá quem fizesse mal à ordem social.

É possível resumir essas experiências dizendo que elas todas dizem respeito à sexualidade em suas relações com a organização da família burguesa, seja na profanação em seus relacionamentos com a nova concepção do sagrado e dos ritos religiosos, seja na “libertinagem”, isto é, nas novas relações que começam a se instaurar entre o pensamento livre e o sistema de paixões. (FOUCAULT, 1985, p.84)

Nessa época, a razão cristã misturava-se a todos os setores sociais e, por isso, catalogou-se libertinagem como doença mental. E a sodomia começou a ser vista como algo escandaloso, que desafiava as leis morais, já que a sua vivência colocava como centro a escolha por uma sexualidade.

O casamento e a formação da família – homem e mulher ou homem, mulher e filhos – passou a ser o modelo sagrado a ser seguido. A partir disso, instalou-se o confisco da ética sexual, as pessoas que se expusessem publicamente ou comprometessem o interesse familiar eram presas. O policiamento era voltado para manter essa estrutura.

Foi nesse comportamento que Foucault enxergou a família como o topo do nascimento da loucura. Quando o sexo passou a ser falado só entre os responsáveis pela reprodução, ou seja, os pais, constituiu-se o silêncio sobre o assunto. Condenado pela repressão, o processo de torná-lo inexistente no ambiente dito sagrado expurgou-o para lugares de lucro, como os prostíbulos e manicômios.

As referências começaram a surtir a seguinte reflexão: pouco se modificou na consciência social dos anos 80 para cá. Ainda hoje, no século XXI, com o advento da psicologia, da psiquiatria, da medicina e a separação entre ciência, filosofia e fé ouvem-se opiniões semelhantes à época em que Foucault e Trevisan iniciaram seus estudos sobre a

(homos)sexualidade. A exceção foi o intervalo da década de 60, quando se instaurou a ditadura militar no Brasil.

O artigo *Impressões de 1968: contracultura e identidades*, de Cauê Kruger, publicado em 2010, no Portal de Periódicos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), avalia como a crise política mundial, capitalista no Ocidente e stalinista no Oriente, fez prosperar o “ideal individualista” dos jovens. Heloísa Buarque de Hollanda analisa um contexto comum de representatividade. “A contracultura, o desbunde, o rock, o *underground*, as drogas e mesmo a psicanálise passam a incentivar uma recusa acentuada pelo projeto do período anterior” (KRUGER, 2010). A juventude queria derrubar qualquer regra imposta pelos pais, pelo governo ou pela sociedade, portanto o sujeito que antes era único, passa a assumir diversas identidades, torna-se fragmentado por sua nova base política: os movimentos sociais. A censura que se instaurou no Brasil, pelos militares, foi o impulsionador para os jovens refugiarem-se na arte e reivindicarem seus ideais por esse canal de expressão.

Na disciplina Pensamento LGBT brasileiro uma das avaliações do semestre foi um sarau em que os alunos deveriam apresentar algum artista contemporâneo LGBT. A atividade me fez entrar em contato com uma gama de pessoas que fazem arte discutindo sexualidade ainda hoje. Fiquei espantada ao saber que existem tantos escritores que produzem temática homoerótica.

A junção do aprofundamento no tema, o paralelo com a corrente conservadora atual que ensaia para se (re)estabelecer no país, por meio da bancada evangélica no Congresso Nacional, e o descobrimento de artistas que produzem cultura dentro da comunidade LGBT definiu o recorte para o meu trabalho. Decidi reportar escritores que são assumidamente homossexuais e escrevem sobre a temática a um público leigo, como eu era. Para isso acontecer de forma parecida com a minha experiência no sarau, optei mesclar o jornalismo à literatura em um formato de reportagem denominado perfil.

6.1.2 Dos personagens

A partir da definição do formato e do recorte do tema, fui até o Fábio para saber qual seria o próximo passo. Ele me orientou a buscar os personagens para perfilar. Deveria estar atenta aos valores-notícia definidos nesse encontro para embasar a reportagem: atualidade, inusitado, arte, historicidade.

Busquei em minha memória quem estava próximo a esse meio literário para me direcionar. Há algum tempo sempre que falava o meu tema, sugeriam como fonte o Denílson Lopes. Então, conversei com ele. O autor do romance o *Homem que amava rapazes e outros ensaios*,

ex-professor e ex-coordenador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da UnB, aconselhou-me uma série de estudos relacionados ao tema, mas informou que atualmente está envolvido com o cinema, portanto não estava atualizado sobre o campo literário. Para seguir na pesquisa, dirigi-me ao meu ex-professor da disciplina Pensamento LGBT Brasileiro, Felipe Areda. Seu acervo de livros sobre a temática proporciona um contato estreito com editoras e conhecimento real dos nomes de relevância dentro do gênero. Felipe me enviou artigos, citou nomes de peso históricos e da atualidade, além do mais importante, indicou quem ainda está vivo. Decidi ir atrás dessas indicações e dos pioneiros da literatura no mundo LGBT. Descobri que alguns já não escrevem mais, enveredaram por outras áreas dentro da literatura – como a da editoração ou os cursos de escrita para iniciantes -, moram distantes de mim – no eixo Rio-São Paulo – ou estavam muito ocupados para me conceder uma entrevista. Todos adoravam o tema, achavam pertinente tratar dele, mas não se mostraram disponíveis para participar da investigação. Uma viagem para convencê-los a participar não era cabível.

Eu não podia contar com o acaso e a possível mudança de ideia daqueles personagens, logo fui obrigada a delimitar mais o tema. Pensei: será que só existe esse tipo de cultura no eixo Rio-São Paulo? Não temos um grupo voltado para a geração desse conteúdo em Brasília? Afinal, a capital também produz cultura. Não à toa foi criada a série *Distrito Cultural*, da Rede Globo, cujo objetivo é evidenciar as diversas manifestações culturais brasilienses.

Fiquei atenta a qualquer notícia ou programação voltada para o circuito alternativo e LGBT em Brasília ou Entorno que incentivasse saraus e lançamentos de livros. Nesse campo, encontrei uma peça sobre o Desbunde (tema presente na época cuja contracultura ganhou força, ler item 5.2 do Referencial Teórico). Fui atrás dos idealizadores do espetáculo.

Procurei por editores de cultura do Correio Braziliense no intuito de que eles recordassem algum autor envolvido com a temática. Questionei amigos sobre a existência de algum escritor (a). Busquei no Google por autores LGBT em Brasília. Para finalizar, fui aos locais de criação artística no Plano Piloto, como o Balaio, a Faculdade Dulcina, o Departamento de Letras da Universidade de Brasília, a Livraria Cultura. Perguntei aos proprietários, diretores, professores, coordenadores, gerentes e frequentadores se conheciam alguém que escrevesse sobre a temática LGBT.

A sondagem com os editores não me deu lucro, pois nenhum nome foi mencionado. A pergunta aos amigos me levou a Julianna Motter. A ida às fontes de cultura me trouxe o Ricardo Caldeira. Por meio dele conheci a Casa Frida Kahlo, um espaço de promoção do diálogo de poder às mulheres e fortalecimento da cultura da periferia, em São Sebastião. Lá

conheci a Tatiana Nascimento, que já havia sido mencionada por Felipe Areda. O Google me revelou o Roberto Muniz. Ele indicou, entre outros, Ítalo Damasceno, Alexandre Ribondi e Flávio Brebis. Ítalo me apresentou ao Gustavo Carneiro, que, coincidentemente, foi um de seus entrevistados para o texto divulgado na sua coluna semanal no portal Metrôpoles.

No final, compreendi que minha pré-apuração não dependeu inteiramente de mim. Como me instruiu o professor Fábio, aconteceu o que se chama no meio jornalístico de “efeito bola de neve”, ou seja, um movimento que inicia com uma pergunta a uma pessoa, mas se desenvolve a partir de indicações daquela pessoa ou de outras. A estratégia foi somente localizar os pontos nos quais eu pudesse encontrar o alvo que desencadeasse o processo.

6.1.3 Primeiro contato

Dentre as possibilidades que surgiram, delimito três personagens para serem perfilados nesse produto. Mais que isso ficaria inviável diante do tempo que eu tinha para apurar, decupar, organizar e escrever. Nesta seção separarei por nomes a história de como encontrei cada um e no final explicarei os critérios para selecionar os personagens que fizeram parte do produto final.

- Tatiana Nascimento

A poeta não foi citada só uma vez na minha saga por personagens. Na Casa Frida Kahlo todos a conhecem, se não fisicamente, pelo menos por nome ou por alguma criação dentro da contracultura brasiliense. Em conversa com Felipe Areda, novamente o nome foi muito bem recomendado. Por isso, a procurei pelo *Facebook* e entrei em contato pelo *inbox* sem esperança de ser correspondida por se tratar de uma pessoa requisitada nos meios de cultura alternativa. Para minha surpresa, a resposta chegou rápida e afirmativa: fui convidada para ir a sua casa. Foi lá que iniciamos o bate-papo sobre sua vida. Foi o pontapé para uma série de encontros.

- Ítalo Damasceno

O autor foi recomendado por Roberto Muniz. O veterano no meio literário me explicou sobre o concurso que sua editora, a Escândalo, promoveu na intenção de selecionar as melhores crônicas de autores brasileiros sobre o tema “homossexualidade sem falar de amor”. Ítalo foi um dos participantes e vencedores. O texto *Camarão de quintal* circulou nacionalmente por

meio do livro *Loveless*. Ao receber essa informação, fiquei interessada em saber mais a respeito do escritor. Segui a dica de Roberto e procurei-o no seu *Facebook*. Enviei um *inbox* pedindo um número para contato. Alguns minutos depois a mensagem chegou e eu telefonei. Tivemos uma rápida conversa sobre sua carreira, o trabalho desenvolvido e marcamos um encontro para a segunda-feira, 24 de agosto.

- Gustavo Carneiro

Na conversa por telefone com Ítalo eu perguntei se ele conhecia outro autor(a) que tivesse o perfil da minha pesquisa. A resposta foi dada com o nome de Gustavo. Ele seria o entrevistado para um dos textos da coluna *Vozes LGBT* porque estava lançando um romance homossexual em uma plataforma online. Aceitei o convite de Ítalo para participar da entrevista que ele faria com o rapaz. Conheci Gustavo nesse encontro.

Todos os personagens que surgiam eu buscava ter uma conversa prévia para saber se o que eu queria estava de acordo com o que eles faziam. Dentre as possibilidades, o Flávio Brebis era um forte candidato porque escreveu dois livros infanto-juvenis e criou uma fundação de fomento a esse tipo de literatura. Outra era a Julianna Motter, pois é muito engajada na militância feminista e da diversidade sexual, escreve poesias e seria mais uma personagem feminina. No entanto, Flávio demorou mais de uma semana para retornar o contato. Na verdade, só consegui a resposta porque encontrei o Roberto Muniz no mesmo local em que ele estava. Cortei-o das minhas opções porque não senti uma abertura para participar da investigação e meu tempo estava esgotando. A Julianna estava às voltas com o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), portanto indisponível para encontros no período que eu precisava.

Essa configuração revelou quem seriam os personagens do produto. Estabeleci que para participar dos perfis, a disponibilidade era um fator primordial. Segui pela lógica do estilo de produção de cada um. Tatiana escreve poesias com raízes negra e lésbica, divulga pela internet, planeja um evento cultural que dissemina o seu trabalho e de outras mulheres; o Ítalo escreve crônicas para blogs, estuda a comunidade LGBT e transforma a memória desse gueto em textos leves para um público teoricamente leigo; o Gustavo faz ficção, converte sentimentos em histórias que conectam. O ponto em comum de todos é a internet como propulsora das produções.

Alexandre Ribondi e Roberto Muniz fizeram parte do trabalho, mas foram alocados no abre. Como são veteranos, os dois têm experiências que me ajudaram a construir a contextualização

do gênero literário. Ribondi participou do curto período de vida da revista *Lampião da Esquina*, traz na bagagem a época de efervescência da contracultura brasileira. Atualmente envolvido na arte do teatro, traz o contraponto entre a literatura daquele período e a de agora. Já Roberto é ex-sócio da editora Escândalo, entende sobre a lógica de editoração, a falta de incentivo ao segmento e aponta como se mantém uma carreira nesse meio.

Giselle Jacques, a idealizadora da Escândalo, foi entrevistada via Skype e contribuiu com a sua visão de editora. Felipe Areda também foi procurado como fonte. Falou sobre a linha de pesquisa em literatura LGBT e a importância para a memória e fortalecimento do grupo como comunidade.

Inicialmente seria feito um perfil de Ricardo Caldeira, pois a sua produção de zines se encaixava no perfil de escritor que eu estava procurando. No entanto, conseguimos nos encontrar apenas duas vezes no semestre passado e uma vez, informalmente, nesse semestre. A falta de contato fez com que eu não tivesse material suficiente para um perfil da proporção dos outros, então preferi usar o material apurado também no abre da reportagem.

6.2 Pós-produção

6.2.1 Formato

A carreira literária de cada personagem despertou o meu interesse em aprofundar nas suas histórias pessoais. A fim de contar como eles chegaram onde estão e explicar a motivação de cada um. Para não tornar a reportagem maçante, optei por humanizar os relatos e dar identidade às matérias. Portanto precisava de um formato que me permitisse abusar da narrativa literária, logo o perfil jornalístico foi a solução.

Apresentar os perfis soltos não dava credibilidade ao produto final. Deixaria o leitor desorientado e não exprimiria o verdadeiro sentido almejado na escolha do assunto: sensibilizar as pessoas para um campo social que é prejudicado pelo preconceito. Para alcançar o objetivo, tive que decidir entre as diversas mídias usadas atualmente.

Escolhi escrever uma série impressa para revista já que esse meio permite explorar a criatividade no texto, na diagramação e no design (ver item 2 do Referencial Teórico). Pensando em uma editoria específica para perfis, estruturei a reportagem com uma capa, um abre para contextualizar o assunto, seguido dos três perfis que seriam distribuídos um por um em edições distintas.

Não quis limitar o meu produto a um livro-reportagem, porque desejo que o projeto tenha continuidade. Para primeira apresentação, transformei as reportagens em zines, que é uma

evolução dos mimeógrafos feitos nos anos 80. Escolhi uma estética para criar unidade. Ela é preta e branca, com ilustrações em rabiscos fluidos para remeter às características iniciais do mimeógrafo: “facilidade de manuseio, barateamento de custos, aspecto de ‘pobreza’ imprimido aos trabalhos, - bem condizente com o terceiro mundo, o que lhe confere um resíduo romântico e artesanal” (MICCOLIS, 1987, p.34-35).

O intuito é fazer alusão à época das publicações independentes, a contracultura, quando houve o *boom* das produções LGBT – final dos anos 70 e início dos anos 80, auge da ditadura militar. Os escritores desse momento histórico, de acordo com Leila Miccolis, em *Do poder ao poder*, ficaram conhecidos como “marginais” porque traziam os seus ideais subversivos e de resistência contra o sistema instaurado em forma de arte. Utilizavam-se de mecanismos editoriais como o mimeógrafo para disseminar seus produtos culturais.

O projeto gráfico do mimeógrafo é simples. A principal preocupação dos autores era com o conteúdo embutido nas folhas e com a larga distribuição. A estética e beleza ficavam em segundo plano, ou nem existiam. Como a distribuição era feita de mão em mão, o apoio financeiro provinha dos bolsos dos próprios criadores. O jeito de garantir a produção era baratear os custos, por isso não se preocupavam se as produções tinham o aspecto de xerox. Tinham que usar a criatividade, a caneta, o papel, a sola do sapato e a lábia a seu favor. Foi assim que surgiram os zines, pequenas revistas que trazem informações de qualquer espécie. Como na ditadura, ele continua sendo utilizado como meio de comunicação para grupos e comunidades que estão à margem da sociedade e, portanto, não tem grande espaço na mídia. Em razão disso, desde o início o projeto gráfico da série *Abertura Silenciosa* foi criado para acompanhar a trajetória histórica do seu conteúdo. Foi elaborado um zine da reportagem no intuito de remeter à época em que começou a ser propagada a arte LGBT. No entanto, para caber nos moldes dos meios de comunicação atuais, o projeto pode ser reformulado.

A publicação da série pode acontecer em meios de comunicação que priorizem grandes reportagens, como a revista Piauí, de circulação nacional ou a Traços, de circulação regional. Outra opção é fazer parceria com revistas ou sites culturais para tornar a reportagem colaborativa pela sociedade, desde que siga os critérios jornalísticos descritos no projeto. Afinal, os escritores mencionados nesse produto não são os únicos geradores dessa contracultura no Distrito Federal.

6.2.2 Entrevista

Ao começar o contato com as minhas fontes, me baseei no conceito descrito por Cremilda de Araújo Medina, no livro *Entrevista – O diálogo possível* (2004). A autora enxerga essa etapa

da apuração como um diálogo, no qual, dependendo da astúcia do repórter em conseguir transpor a barreira da insegurança do entrevistado, ele poderá obter uma maior aproximação e, conseqüentemente, uma grande história.

Optei por fazer as entrevistas pessoalmente. Deixava a critério dos personagens a escolha do local e horário. Não me importava em fazer o deslocamento e, se fosse inviável para mim, sugeria um meio termo. Porém, tentava influenciar o menos possível, pois não queria tirá-los dos seus lugares comuns, onde se sentiam mais confortáveis e familiarizados. Decidi ter esse cuidado em razão do assunto em que escolhi me aprofundar. Por se tratar de um tema pessoal de cada um, precisava ter um contato pleno, desprovido de qualquer pudor.

Os primeiros encontros com os três perfilados foram sem a pretensão de seguir uma entrevista. Levei o caderno de anotações e o gravador, avisava que o acionaria, mas os tranquilizava explicando que no momento era mais importante nos conhecermos e eles entenderem o trabalho. Acredito que o modo como comecei a lidar proporcionou conversas fluidas e estabeleceu a confiança.

Era gozado que, mesmo com a tentativa de fazer o processo se tornar natural, algumas vezes (isso se repetiu com todos), quando estava prestes a falar alguma coisa que comprometia a sua imagem, eles primeiro falavam, depois pediam: “não põe isso não”. Eu entendia essa situação como uma prova de que realmente estavam à vontade diante de mim.

A entrevista acontecia assim: organizei um roteiro (ver em Anexo) para me organizar de forma a extrair as informações principais e ser objetiva. No primeiro encontro, busquei descobrir qual a produção que mais importava para eles, por que aquela era a mais relevante e, assim, seguia a conversa para coletar mais detalhes. Para o segundo contato, eu já tinha lido a referência e começava a seguir o *script* mencionado acima. Sempre usava o aparelho gravador ou o do celular para não perder os pormenores da prosa. Apesar de ter um guia, não me prendia totalmente a ele. Buscava sempre estar atenta ao que aquelas pessoas estavam me dizendo para formular, ali mesmo, perguntas que pudessem aprofundar o assunto, o sentimento, a explicação dada ou trazer mais detalhamentos. Além disso, acontecia uma troca de conhecimentos: quanto mais os entrevistava, mais me aprofundava no mundo deles, tinha recomendações, entendia a linha de pensamento usada.

Para não me perder e me programar, comecei a fazer uma tabela de entrevistas e deixava colada na minha mesa. Tive pelo menos quatro encontros com cada um.

Esse esquema me tornou verdadeiramente próxima dos quatro entrevistados. Consegui fazer com que eles se lembrassem de mim a ponto de me convidarem para os eventos que eles organizavam e/ou estavam envolvidos. Sempre me marcavam em novidades relacionadas a

eles nas redes sociais ou me contavam. E, algumas vezes, sai informalmente para acompanhar em uma peça de teatro, exposição ou tomar um café. Isso foi ótimo para coletar informações e observar mais do comportamento deles sem estar na posição de entrevistado-entrevistador.

Um fato interessante do grupo é que eles abriram a porta de suas casas para mim. Dos três perfilados, somente um não me convidou para ir até seu lar – ele vivia com os pais que têm resistência em tratar a sua sexualidade como algo natural. Os outros preferiam marcar os bate-papos em volta de uma mesa posta com lanche da tarde, no sofá com roupas largas ou até mesmo no quarto, estirado na cama com um bule de chá ao lado. A “quebra do gelo” inicial foi facilitada por eles próprios ao dar tamanha abertura.

Apesar da recepção sem protocolo, não era fácil encontrar um horário vago. Com exceção do Ítalo, que tem um horário bem definido e mora ao meu lado, os outros me encaixavam em agendas recheadas de compromissos. A Tatiana, por exemplo, deixou-me em apuros algumas vezes. Ela frequentemente está envolvida em eventos ou batalhas de poesias, inclusive fora de Brasília, então para marcar uma entrevista pessoalmente requeria paciência e jogo de cintura. Ademais, aprendi que sua primeira confirmação nunca era confiável. Eu tinha que ligar no dia, algumas horas antes, sempre estar em contato para saber se realmente iria. Mesmo assim dei algumas viagens perdidas.

Um problema aconteceu quando estava apurando a trajetória da Tatiana: seu círculo social não teve a mesma boa vontade que ela em me conceder entrevista. A Tatiana vive em um meio de feministas e lésbicas das periferias do Distrito Federal, já sabendo disso (talvez) ela não me passava direto o telefone das pessoas. Ela era quem fazia o papel de intermediadora e o resultado somente sua irmã e os integrantes da banda quiseram falar comigo. Passado o desespero inicial, entendi essa atitude como um comportamento em comum de defesa, medo ou uma vontade de não se expor. Para contornar a adversidade, fui atrás de interações via rede social – que são muitas – e informalmente nos eventos promovidos por ela. Em seu perfil tentei focar muito na sua visão de mundo, de que forma isso interfere na poesia e nas suas relações com o meio que circula.

Durante o processo de apuração, sofri um assalto no qual levaram meu carro, carteira e celular. Por isso, meus pais passaram a ter mais medo de me deixar ir sozinha para lugares distantes ou periféricos. Como São Sebastião, mais precisamente a Casa Frida, era uma das minhas nascentes de fontes passei a levar minha mãe para apurar junto comigo. O que no início achei que seria péssimo e inconveniente converteu-se em uma boa estratégia. Ela é desinibida, então me ajudou na questão da abordagem, maior relação e convencimento com as fontes.

As entrevistas realizadas pelo Skype e as outras feitas para o abre foram levadas no assalto. Quando decidi adiar um semestre para apresentar, consegui refazer o encontro e colher as informações que precisava de todas as fontes.

6.2.3 Montagem

Primeiramente todas as entrevistas foram decupadas. Ao ouvir as narrações, marcava em negrito as partes interessantes para a história ou os fatos que poderiam ser reconstituídos. O mesmo acontecia com as falas que poderiam virar aspas. Isso facilitou a organização de um roteiro a ser seguido na escrita da reportagem.

Procurei usar as técnicas literárias das narrativas realistas do romance-reportagem, assim como os elementos inseridos pelos novos jornalistas nos anos 60. Quis deixar o texto com um estilo ficcional, por isso não me coloquei na história, usei o discurso direto. Dessa forma, conduzi o leitor por uma história verídica, assim como fez John Hersey em *Hiroshima*.

A partir da escrita do primeiro perfil, defini a média do número de páginas para cada um: ficou em torno de 10 a 14. Se faltava algum detalhe na informação, eu retornava ao meu perfilado por meio do *Whatsapp* ou mensagem *inbox* no *Facebook* e confirmava os detalhes da informação. As redes sociais foram aliadas em todo o processo de apuração, já que era por onde eu conseguia me comunicar com meus entrevistados, marcar as entrevistas e tirar dúvidas sobre nossas conversas. Além disso, o Facebook foi fundamental para que eu conseguisse chegar até pessoas que moravam em outros estados, como o Felipe Areda e a Giselle Jacques. O Skype foi a ferramenta que utilizei para entrevista-los de uma maneira mais próxima.

Levei em consideração o roteiro de captação, que fiz para as entrevistas, para selecionar o que mais interessaria mostrar de cada perfilado. O norte era a produção LGBT e por que estavam envolvidos com aquilo. Ademais busquei explicar como a vida daquelas pessoas funcionava além da vida artística, como foi o processo de descoberta de suas sexualidades e como isso influenciou nos escritos.

No abre, a narrativa saiu do contexto literário e tornou-se mais jornalística. Entendi que para condensar as leituras, as entrevistas em um texto que mostrasse a relevância do tema abordado ao leitor, precisava escrever por meio de dados e das falas dos representantes do movimento. Prefiri não adentrar em discussões sobre a definição de uma literatura LGBT ou sobre o preconceito, machismo enraizado entre as letras do próprio movimento, pois isso acarretaria em mais complexidade e chegaria ao perigo de fugir do tema. Optei por tratar esses assuntos

em outras possíveis reportagens. Afinal também são desconhecidos socialmente, merecem esclarecimento de forma aprofundada.

Os perfis eram escritos em, aproximadamente, um. Foi feito assim para que o texto não perdesse a meada. No dia seguinte relia, revisava e mandava para a minha nova orientadora, a professora Márcia Marques. Para reforçar a edição, contratei uma revisora.

6.2.4 Cronograma

No semestre passado eu comecei o trabalho de coleta e busca por personagens em agosto. Fiz as entrevistas durante o mês de setembro e outubro. Comecei a escrever os primeiros perfis na segunda quinzena 10. Faltavam três semanas para entregar o projeto e eu sofri um assalto, à mão armada. Isso fez com que eu adiasse para esse semestre a apresentação.

Retomei os trabalhos em março, após a Márcia aceitar ser minha nova orientadora. No mesmo mês retomei o contato com os perfilados para avisá-los que o trabalho ia continuar e marcar os próximos encontros. Em abril li o material para construir o referencial teórico, justificativa e problema de pesquisa. Os três últimos foram escritos nesse período. A minha rotina de produção se intensificou em maio. Usei o mês para escrever os perfis, o memorial e realizar algumas entrevistas que faltavam. Em junho o ritmo foi o mesmo, com espaço para fazer as correções necessárias.

7 Considerações Finais

“O percurso de assumir-se homossexual é muito solitário. Se um menino negro é ofendido na rua, ele chega em casa e vai encontrar mamãe e papai pretos que vão consolá-lo. Um menino homossexual não. Ele chega em casa e continua sozinho, na grande maioria das vezes”. Essa é a opinião dada por Alexandre Ribondi, 62 anos, em entrevista a mim, no dia 9 de outubro de 2015. Ele foi um dos ícones da contracultura brasileira no período do *Desbunde* e da ditadura militar, na década de 60. Encabeçou o Grupo Homossexual Beijo Livre, que discutia a luta e questões homoafetivas por meio de guerrilhas teatrais e de um pequeno jornal mimeografado, *Beijo Livre*, distribuído nas portas das boates LGBT da época. Também foi um dos colaboradores na criação do *Lampião da Esquina*, jornal homossexual brasileiro que circulou nacionalmente nos anos de 1978 a 1981, e repórter do veículo de comunicação. Atualmente, dá cursos de teatro na Faculdade Dulcina e monta espetáculos com temas tabus que envolvem as nuances do amor, sem preconceitos.

Em nossa entrevista, Ribondi, entre outros assuntos, comenta sobre a importância da representação nas mídias. Exemplifica o pensamento ao lembrar a idade em que normalmente surgem as primeiras paixões – aos 15, 16 anos. Questiona que uma pessoa homossexual não tem com quem partilhar o sentimento sem sofrer preconceito ou violência, por isso se sente confusa e solitária. “Se essa pessoa [um personagem qualquer na mídia] é legal, é do bem, essa pessoa tem imagem positiva e é homossexual. Então eu [pessoa em descoberta sexual] não sou esse monstro que estou me sentindo por dentro. É legal. Por isso acho que ter um modelo é bom. Todo mundo precisa de um modelo”, argumenta.

Diariamente a comunidade LGBT busca visibilidade. Não é raro abrir os portais de notícias e nos depararmos com notícias de violência homofóbica, de interdição de políticas públicas voltadas ao grupo, de desrespeito com pessoas que decidiram viver livremente a sexualidade. Nas mídias sociais, o clima é de intolerância em textos de repúdio a propagandas que buscam a diversidade ou em desabafos preconceituosos no *Facebook*. Por outro lado, eventos para debater problemas relacionados ao tema ou manifestos relacionados a alguma notícia que ganhou grandes proporções também pipocam nas páginas pessoais de pessoas públicas ou anônimas.

O último caso que recentemente atingiu o mundo aconteceu na madrugada do dia 11 para 12 de junho de 2016. Foi sobre um atirador que invadiu a boate gay Pulse, em Orlando, nos Estados Unidos, e fez 50 vítimas. O atentado scandalizou por se tratar de um ato

homofóbico. A situação trouxe o assunto da intolerância sexual à tona. Na coluna semanal, *Vozes LGBT*, Ítalo Damasceno diz – quase esbraveja:

Aqui eu me permito ser totalmente clichê: LUTO para mim é verbo. O que eles querem é nos amedrontar, que a gente tenha medo de ser quem somos, que a gente se feche, se esconda. A maior reação à loucura e à violência é ser feliz, ter coragem ao mesmo tempo que se batalha pelo respeito que se merece, porque é disso que trata o terrorismo, criar medo. Ame ainda mais, viva ainda mais, faça ainda mais coreografias na pista de dança. E, como alguém escreveu no Facebook, se eu morrer em algum ataque homofóbico, *don't pray for me*. LUTEM (14 de junho de 2016).

Enquanto uns decidem por batalhar sendo quem são, alguns seguem pela militância e outros optam por resistir criando arte. Mais especificamente, produzindo literatura. De acordo com Roberto Muniz Dias, no capítulo um da dissertação *Editoras LGBTTT Brasileiras Contemporâneas Como Registro De Uma Literatura Homoafetiva*, buscou-se resgatar a postura da literatura universal.

(...) canonizada pelas mãos de homens (escritores, agenciadores, críticos literários) que escreveram esta história literária. O contraponto por si só se estabelece diante dos fatos elencados pelos detentores do poder econômico e, por conseguinte, controladores dos bens culturais. (DIAS, 2013, p.94)

A falta de abertura para mais agenciadores do produto cultural, nesse caso o livro, faz que ocorra uma restrição nas representações criadas. Os temas das obras publicadas são seletos e cíclicos, eventualmente temas tidos como marginais são trazidos para o centro. Normalmente isso ocorre quando é preciso movimentar o mercado editorial. Se a chance não aparece, a literatura alternativa tem que buscar outras plataformas de publicação e distribuição, como a internet. Ela sozinha, porém, não dá prospecção a um autor. Precisa-se de um conjunto de fatores para conseguir alcançar um nível de reconhecimento. Um deles é o aparecimento do(a) escritor(a) e das obras nas mídias convencionais – jornais, revistas e TVs.

Ao tecer a justificativa deste trabalho, não encontrei matérias que abordassem em profundidade o tema da literatura LGBT. Nos anexos da dissertação citada acima, encontram-se algumas reportagens publicadas na Revista CULT Literatura e na editoria de cultura do Correio Braziliense. Todas focam nas editoras LGBT e nas obras, mas não procuram apresentar as mentes e histórias por trás das produções.

Diante disso, passei a me perguntar: por que estava buscando uma formação em jornalismo? De que maneira eu iria dar a minha contribuição ao mundo com a minha profissão? Como eu poderia utilizar o meu conhecimento para retratar as coisas que me incomodam socialmente? Encontrei as respostas na problematização do tema.

A motivação para a realização do trabalho foi uma: representação. Quis sair da armadilha em que nós, profissionais da comunicação, caímos de que devemos noticiar o instantâneo, o espetacular de modo frio e mecânico. Além de querer invocar a voz de grupos dos quais não pertencemos. Levei em consideração que o maior problema enfrentado pela comunidade LGBT hoje é a falta de empatia da sociedade, provocada por anos de cultura excludente, pela falta de representação desprovida de julgamentos, pelo preconceito, que muitos indivíduos internalizaram, de que a aproximação contamina. Por isso, quis resgatar o meu papel de jornalista humanista e entregar um produto no qual houvesse o estímulo da sensação no todo e o qual despertasse a emoção nos leitores.

Anexo

Anexo 1



Anexo 2



Apêndice 3



Apêndice 4



Apêndice 5



Apêndice 6



Apêndice 7



Apêndice 8



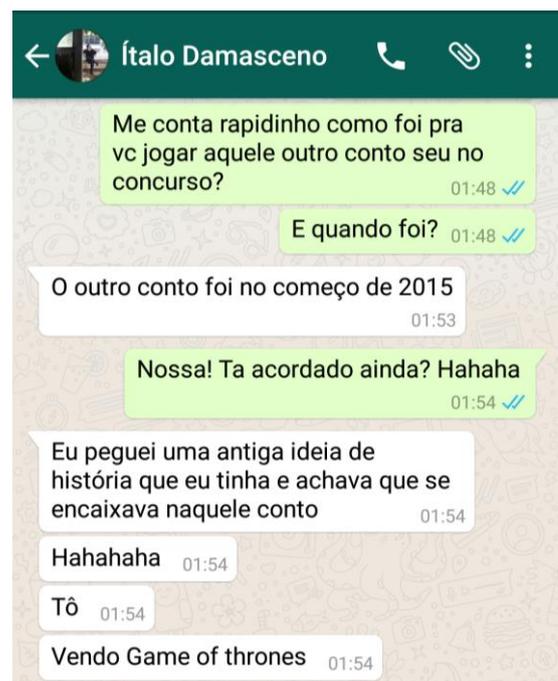
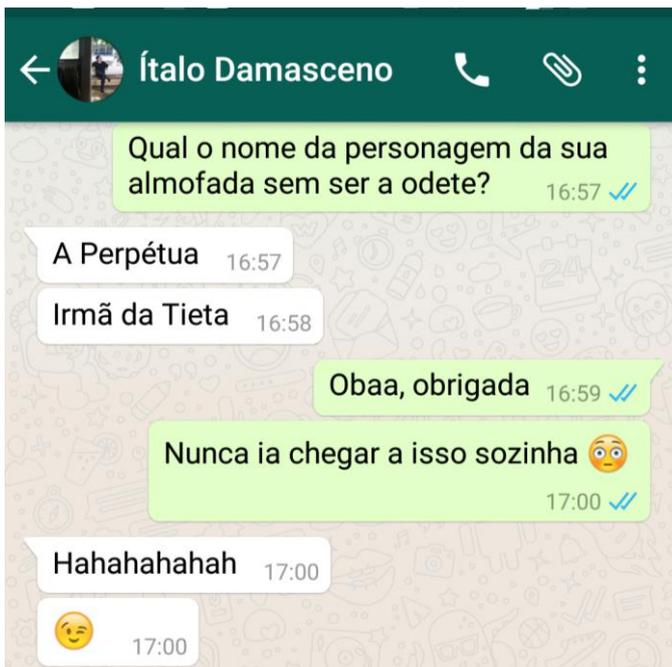
Apêndice 9



Apêndice 10



Apêndice 11



Referencial

ADICHIE, Chimamanda. **Os perigos de uma história única**. Palestra do TED. Youtube, 19 maio 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>

ARAÚJO, Mateus. **João Silvério Trevisan**: "O Brasil é um país cheio de aspas". Jornal do Commercio, Recife, 5 julho 2015. Disponível em:

<<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/07/05/joao-silverio-trevisan-o-brasil-e-um-pais-cheio-de-aspas--188748.php>>

BELO, André. Do livro digital ao livro impresso. In: _____. **História & livro e leitura**. Editora Autêntica, 30 maio 2013. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=q2OkAgAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false>

CASALI, Caroline. **Gêneros, subgêneros e formatos da mídia impressa revista no Brasil**. Santa Maria, RS. Artigo, CESNORS/UFSM. 2007. Disponível em:

<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/11/GT4-_04_Generos_subgeneros_e_formatos_da_midia-_Caroline.pdf>

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem**: o gênero. Brasília, DF. Editora UNB, 2001

DAMASCENO, Ítalo. **Depois de Orlando me permito ser clichê**: LUTO para mim é verbo. Metrôpoles, Brasília, 14 junho 2015. Disponível em: <http://www.metropoles.com/colunas-blogs/vozes-lgbt/depois-de-orlando-me-permito-ser-cliche-luto-para-mim-e-verbo>

DIAS, Roberto Muniz. **Editoras LGBTTTT brasileiras contemporâneas como registro de uma literatura homoafetiva**. Brasília, DF. Dissertação de Mestrado, UnB. 2013

FOUCAULT, Michel. Nós, vitorianos. In: _____. **História da sexualidade 1**: vontade de saber. 13a edição. Rio de Janeiro, RJ. Edições Graal, 1988

_____. A hipótese repressiva. In: _____. **História da sexualidade 1**: vontade de saber. 13a edição. Rio de Janeiro, RJ. Edições Graal, 1988

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo, SP. Editora Companhia das letras, 2002

KRUGER, Cauê. **Impressões de 1968**: contracultura e identidades. Curitiba, PR. Portal de Periódicos da UEM, PUC-PR, 2010. Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/7926/7926>>

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: O Livro-reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura. 4a edição. Barueri, SP. Manole Conteúdo, 2009

MAIA, Helder Thiago. **A Literatura Gay é um *Cruising Bar***: reflexões sobre a literatura gay, o mercado e a obra de João Gilberto Noll. Portal Seer, Bahia, 2015. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10176>>

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. 4a edição. São Paulo, SP: Editora Ática, 2004

MICCOLIS, Leila. GERAÇÃO MIMEÓGRAFO NA POESIA INDEPENDENTE. In: _____. **Do poder ao poder**. Porto Alegre, RS: Editora Tchê!, 1987

PANIAGO, Paulo. **Um retrato interior: O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. Brasília, DF. Tese de Doutorado, UnB. 2008

RISÉRIO, Antonio *et al.* **Anos 70: trajetórias**. São Paulo, SP. Iluminuras: Itaú Cultural, 2005

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4a edição. São Paulo, SP. Editora Contexto, 2011

SODRÉ E FERRARI, Muniz e Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo, SP. Summus, 1986

DE TASSIS, Nicoli Glória. **IMPrensa BRASILEIRA: a intertextualidade entre o jornalismo e a literatura**. Revista de Estudos da Comunicação, PUC-PR, Curitiba, 2007. Disponível em:

<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=1762&dd99=view&dd98=pb>>

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. 1ª edição. São Paulo, SP. Editora Max Limonad, 1986

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. 1ª edição. São Paulo, SP: Paulus, 2005

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo, SP: Summus, 2002

_____. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo, SP: Summus, 1996

_____. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo, SP: Summus, 2003

Site Grupo Dignidade. <<http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2016/01/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-19781.pdf>>